

Publica -

Sergipe

Vol. I

Janeiro—Fevereiro e Março—Abril Ns. 3-4

1934

Revista de Educação

ORGAN DO DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO PÚBLICA
DO ESTADO DA BAHIA

SUMARIO

- | | |
|--------------------------------------|--|
| <i>Arthur de Aguiar</i> | — Colaboração indispensavel |
| <i>Georgina de Albuquerque</i> | — O método de projetos e a unidade de trabalho. |
| <i>J. Lourenço Costa</i> | — Como deve ser compreendido nas escolas o desenho espontaneo. |
| <i>Dr. Jayme de Barros</i> | — Boa luz reduz o numero de reprovacoes. |
| <i>Dr. José de Albuquerque</i> | — Seleção real de valores. |
| <i>Dr. C. A. Barbosa de Oliveira</i> | — A educação sexual não atenta contra a moral religiosa. |
| <i>Alfredo Balthazar da Silveira</i> | — A chimica na escola ativa. |
| <i>"Historias de Vóvó"</i> | — A criança e a mentira. |
| | — O incendio do palacio real. |

BAHIA—BRASIL

EXPEDIENTE

Assinatura

Ano	10\$000
Semestre	6\$000
Numero avulso	2\$000

A assinatura para o professorado e funcionarios do Departamento de Instrução: será paga em folha de pagamento, descontando o Tesouro ou a Coletoria, a importancia de um mil réis (1\$000) durante dez meses.

—:—:—

Toda correspondencia deve ser dirigida para o Departamento de Instrução Publica — Palacio Rio Branco — Bahia.

Revista de Educação

ORGÃO DO DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO PÚBLICA
DO ESTADO DA BAHIA

VOLUME I

Janeiro-Fevereiro e Março-Abril



1934

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO
Praça Municipal

BAHIA—1934

COLABORAÇÃO INDISPENSÁVEL

A "Revista de Educação" no propósito de dar ao professorado bahiano material para o enriquecimento de sua técnica e de sua cultura, não tem poupado esforços para corresponder á confiança recebida.

A orientação do ensino e as diretrizes da educação na Bahia ainda não satisfazem, e somos os primeiros a reconhecer essas falhas, porém a culpa não é nossa; a atual administração do Estado, o governo revolucionário, principalmente o do Sr. Interventor Capitão Juracy Magalhães tem procurado suprir o que de mais essencial nos falta, pondo o problema educacional á altura dos nossos desígnios de povo civilizado.

Para amentar as possibilidades do governo, no que concerne á educação e o ensino da infância, basta que o professorado bahiano, com trabalho grandioso de cooperação e de amor á causa, se habilite cada vez mais, na técnica de ensinar e educar, que equivale a consolidar os alicerces da nacionalidade.

E para tanto mister se faz estudo acurado e bôa vontade para resolver os problemas difíceis que aparecem dia a dia na escola e na sociedade.

E contando com essa bôa vontade e com a intelligencia do professorado, que o Departamento de Instrução faz um apêlo, para que a escola se renove e se torne o centro de todos os interesses educacionais da sociedade bahiana.

A renovação da escola *não* se poderá realizar sem o principal fator que é o professor, *tambem* renovado na sua tecnica e na sua mentalidade *quotidianamente*, e qualquer esforço por parte do governo será anulado si *não* tiver o concurso do professorado naquelas condições.

A "Revista de Educação" tem procurado auxiliar ao professorado com uma parte do *imenso* material necessario, embora *minimo*, porém que poderá ser *maximo* si dele o professor souber e quizer tirar todo proveito.

Não basta isto, o professor deve *tambem* colaborar nesta revista que é sua, *unicamente* sua, por onde comunicará aos seus colegas os resultados de suas experiencias.

O MÉTODO DE PROJETOS E A UNIDADE DE TRABALHO

ARTHUR DE AGUIAR

(Catedrático de Metodologia e Didática da
Escola Normal do Salvador)

Como ninguém ignora, o mais adiantado sistema educacional é o chamado "método de projetos", ou de "educação progressiva", de que é figura primacial e central entre seus criadores, o Dr. John Dewey, professor da Universidade de Columbia, em Nova-York.

Dentre os varios métodos da Escola-Nova, ou mais propriamente, da Educação Renovada, tanto dos que evoluíram apenas até certo limite, sem chegarem a revestir a estrutura integral de um sistema acabado, como ainda dos que alcançaram ser considerados métodos de aplicação científica, é, positivamente, o da escola progressiva o que está mais solidamente alicerçado nas ciencias atualizadas — biologia, psicologia, sociologia. Seus principios não se limitam a satisfazer ás exigencias quer dos sistemas de ensaio, aí catalogada á Escola Ativa, quer dos proprios que com elle concorrem no mesmo plano de acabamento teórico e práctico: vão além, dando maior extensão ás possibilidades e, consequentemente, ás realidades de uma educação racional. Racional porque adaptavel ao estado da civilização, respondendo não só aos seus imperativos immediatos e objetivos proximos, como também ás suas finalidades remotas.

Fundando-se no interesse (interesse profundo), no conhecimento, na socialização da criança e da escola, no trabalho em

comunidade, na globalização do aprendizado, nos atos com um fim em vista, na verificação objetiva pelos testes na educação funcional, simultaneamente intelectual, física, moral, econômica e estética, o método de projetos apresenta sobre todos os outros sistemas uma profunda característica de conformidade do menino e da escola ao meio social atual a que pertencem, que nenhum outro pôde tão vantajosamente consignar.

Realmente, seus caracteres gerais de socialização da criança, de respeito á individualidade desta, de educação funcional e de concepção vitalista do espirito, alicerçados e enraizados nos principios da origem dos pensamentos, da ligação dos simbolos destes a episodios reais da experiencia anterior, da verificação ou prova e da eficiencia do individuo na comunhão, constituem a tessitura do plano educacional que a Escola Progressiva desdobrou ante os olhos de todos os povos do mundo, pelo qual possam as gerações atuais de crianças, futuras de adultos, encontrar-se instaladas dentro da propria civilização de seu tempo, e não cada vez mais distanciadas desta, fruto que vinha produzindo a escola tradicional.

Seu processo didático é, em resumo, o seguinte: tarefa por grupos ou "equipes", para despertar no menino o sentimento gregario profundamente humano; o respeito ás suas escolhas, preferencias e decisões, para robustecer-lhe a iniciativa e a confiança em si mesmo; a execução, até seu acabamento, de cada projeto sugerido, debatido e assentado entre os proprios meninos; a aprendizagem sempre feita num ambiente natural, "dentro da vida"; a busca da informação, a colaboração, as pesquisas para o avanço do trabalho; a procura do material; as vitórias alcançadas sobre os obstaculos surgidos; e, finalmente, a satisfação da tarefa concluida, revigorando o sentido da eficiencia de todos e de cada qual dos membros do grupo.

Mas não devemos imaginar que os *projets* objetivem sempre realizações puramente materiais. Não é tal. E por isso mesmo são classificados em quatro tipos os projetos, que podem ter os seguintes fins: incorporar alguma idéa ou habilidade sob a fórmula de expressão, experimentar alguma coisa de novo, pôr em ordem uma dificuldade intelectual, ou conseguir um mais perfeito gráu de habilidade ou conhecimento.

*
* *
*

Ha pouco tempo apareceu nos Estados-Unidos, o método denominado "unidade de trabalho", acerca do qual nos dá informações Bess Goodykoontz, sub-comissionada de educação, em Washington. Mas o método da unidade de trabalho nada mais é do que uma face, um aspecto do sistema de projetos, não podendo em rigor aspirar a uma classificação autonoma dentro na relação dos métodos de aplicação científica.

Os proprios "tipos" de unidades analisados pela autora da memoria, como se vê de n. 44 da série sobre educação, do Boletim da União Pan-Americana, de Agosto do ano p. passado, têm grande semelhança, encarados globalmente, com os "tipos" dos projetos progressivos, sentindo-se, mesmo, a paridade existente entre *unidade* e *projeto*.

A "unidade de trabalho" iniciada ou aceita pela classe, por exemplo um trabalho de frações, de avaliação, de cartografia, construção de objetos, etc., é um tipo.

Outro tipo: ação da comunidade no começo dos trabalhos, mas, a partir de dado momento, distribuição da responsabilidade "aos membros individuais da classe para solução definitiva do problema".

O terceiro tipo é a tarefa inteiramente individual, onde "as unidades são usualmente planeadas na forma de pautas, folhas de trabalho, contratos ou qualquer outra forma de dever individual".

Dá por diante, os tipos de unidades, já menos importantes relativamente á classificação básica acima exposta, são destinados a influenciar o individuo, e começam com problemas, desafios ou concitações, etc. Como exemplos, cita a escritora: numa *unidade* de ciencia social — séries e questionarios encimados com estes titulos: "Pergunte a si proprio", ou então "Coisas extra a fazer", "Objetivos", "Problemas" e "Provas".

Não é possivel fazer, num artigo que se não deve alongar, a analise comparativa entre o método de *projetos* e o de *unidades de trabalho*, mas si em alguma coisa este se diferencia do primeiro, será no lado individualista, isto é, na parte em que o menino é levado a agir sozinho, como um "meio de desenvolver iniciativa

individual, responsabilidade, fertilidade de idéas, perseverança, critério, altos padrões de realização”.

Mas o sistema de projetos não esquece a parte individual no seu plano de trabalho em cooperação, e dentre os princípios em que funda sua doutrina educativa, figura, como deixei dito em lugar proprio, o da “eficacia social”, ou seja aquêlê de que o individuo deve sentir-se membro de um grupo a que precisa ser útil, principio esse necessariamente ligado a tudo quanto olha o menino em si mesmo, como sejam o aproveitamento e direção de seu interesse profundo, sua educação funcional ou aprendizado em situação total, e outras normas fundamentais do sistema.

*
* *

Um ponto que merece ser aqui tratado, ainda que sucintamente, é o da adaptação, ou melhor, da transição da escola bahiana atual para a escola do futuro.

Como poderá o professorado realizar essa transição?

Não é isso coisa do pé para a mão, como o imaginam os leigos e os simplistas.

Si a parte do professor tem que ser importantíssima, a da administração, por seus técnicos, não o deverá ser menos, sobrelevando, no ponto de vista da ação desta, tres condições indispensaveis a atender: organização material das escolas, instrução profissional modernizada aos atuais docentes e preparo dos novos professores já inteiramente calcado nas conquistas educacionais do momento. Novo ambiente nas escolas, curso de aperfeiçoamento e currículo normal segundo os padrões adotados por todos os povos cultos — eis aí a triplice empreza que se antólha ao governo. Aliás, os dois ultimos empreendimentos podem ser reduzidos a um só, tal a orientação que o poder publico venha a dar ao ato, ou á lei, que ha de reorganizar todo o serviço de educação no Estado.

Mas, enquanto a administração publica se prepara para enfrentar corajosamente o problema, que é realizar sem demora essa reforma geral, numa estrutura unica mas articulada em todos os seus órgãos, o professorado primario poderá ir desde já introduzindo ao menos parcialmente o método progressivo em suas

escolas, induzindo a classe a sugerir, deliberar, assentar e levar a cabo alguns projetos, destacando para isso uma parte do dia escolar. Para alguns autores, esses projetos devem caber às classes iniciais; para outros, às classes adiantadas.

Escolha o professorado a orientação que lhe parecer mais adaptável à sua classe, contanto que vá realizando alguma coisa neste sentido.

E quem sabe si dessa tentativa não se erguerá em seu espírito um verdadeiro e profundo entusiasmo pelo método de projetos?

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

VI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO — FORTALEZA—CEARA'

TEMA: — COMO DEVE SER COMPREENDIDO NAS ESCOLAS O DESENHO ESPONTANEO

RELATORA: GEORGINA DE ALBUQUERQUE

Organizadora do Curso de Desenho Profissional especializado, para as Escolas Profissionais do Estado do Rio — Livre docente da Escola Nacional de Bellas Artes. — Membro do Conselho da A. B. E. do Estado do Rio de Janeiro.

O desenho espontaneo deve ser considerado como o ponto de partida para o ensino do desenho. E' o gesto e a linguagem natural da criança, em que o gesto, por ser pessoal, melhora paralelamente com o desenvolvimento natural da criança e, como linguagem, deverá ser corrigido tal qual corrigimos o tatibitate para chegar á linguagem correcta.

O desenho espontaneo deve ser compreendido como instrumento de auxilio no desenvolvimento normal da imaginação, da sensibilidade e da memoria, pois o mesmo na criança é como sexto sentido que a mantem dentro da vida e da atividade. Nenhum professor necessita de se preocupar com o *invento* "de como ensinar desenho" pois METODISAÇÃO INTELIGENTE é tudo o que requer o desenho espontaneo da criança.

Se aos 4 anos a criança desenha segundo a sua espontaneidade para a sua mentalidade, aos 10 anos deve desenhara com a mesma espontaneidade dos 4 e o raciocinio dos 10; aos 15 anos ainda com a espontaneidade dos 4 e a observação educada dos 15 anos e assim por diante.

Não se trate naturalmente de chegar ao desenho emotivo do artista nem ao de linhas apuradas de um habil desenhista, mas ao desenho linguagem, o mesmo desenho espontaneo da criança que, ganhando e mexatidão o que perde em ingenuidade, a prepara para no futuro ser um bom profissional de qualquer officio.

A finalidade do ensino do desenho nas escolas primarias é— :

1.º) Contribuir para a cultura geral e desenvolvimento do bom gosto.

2.º) Familiarisação do gráfico de tal fôrma que os alunos possam em qualquer momento tirar partido do desenho no que o mesmo fôr necessario e util.

O desenho, como elemento precioso de educação é a disciplina que mais favorece o espirito de observação, de iniciativa, de bom gosto, de expansão da personalidade e seleção profissional, mas para que o mesmo atinja essa alta finalidade educacional é preciso deixar de pratica-lo como simples exercicio maquinal para considera-lo como um trabalho de inteligencia.

O desenho deve penetrar pelas outras disciplinas formando a base do ensino e o centro de interesse de todo o programa dos diferentes cursos, porquanto a criança desenha espontaneamente pelo desejo de atividade e, as aulas baseadas no desenho estão dentro da propensão da criança, despertando na mesma a curiosidade, o espirito de observação e imaginação, mantendo desse modo a criança dentro da realidade ambiente, fornecendo-lhe meios de melhor expressão...

Guiando os alunos através do desenho espontaneo, o professor consegue educar simultaneamente a visão, a mão e o espirito de seus discipulos.

O desenho espontaneo da criança é intuitivo— : é como intuição que êle deve ser conservado e corrigido pela observação direta da natureza pois o desenho da criança não pode ser abstrato, razão pela qual o desenho geometrico só deverá ser ensinado nos cursos elementar e medio em diante, quando o espirito de observação e inteligencia da criança já estão desenvolvidos.

No desenho geometrico tudo se cinge á precisão, que é avessa ao temperamento da criança. O desenho geometrico só deverá ser ensinado depois que o desenho intuitivo foi cultivado e desenvolvido.

O método de guiar o desenho intuitivo consiste em deixar

um grande terreno à iniciativa da criança e uma grande liberdade de execução, não implicando nisso que as aulas não sejam rigorosamente disciplinadas e de sequencia estudadas e preparadas pelo professor para que o resultado seja satisfatório.

MÉTODO

A dificuldade de metodizar o ensino do desenho está em que a criança ao passo que nada sabe "de como ler e escrever" por um dom espontaneo da natureza, desenha tudo o que quer, tendo a seu favor a ingenuidade, que é uma força. A criança desenha o mundo ambiente: automoveis, navios, aeroplanos, arvores, casas e bichos de toda especie e são essas mesmas coisas que mais tarde, quando adulto, váe ter necessidade de desenhar ou pelo menos conhecer a fundo graficamente, seja em qualquer profissão: escritor, professor, mecanico, medico, militar ou carpinteiro, ferreiro etc.

A natureza é fonte de inspiração e vida; se a criança já está identificada com éla, se desenha a vida, temos que conserva-la nesse meio e o ensino do desenho deve girar dentro da natureza que é a grande educadora.

O trabalho do professor é fiscalisar porque, assim como corrigimos a linguagem, assim levemos gradativamente a criança a compreender a razão de um objeto ser tão diferente de frente e de perfil, visto no chão ou em cima de uma mesa. A falta de observação é o ponto fraco da criança e é pelo exercicio inteligente e metódico da observação que o professor tira partido do desenho espontaneo da criança.

O adulto é complicado, a criança é simples; o adulto só volta á simplicidade quando, depois de muito estudo, chega á síntese; portanto a base das lições de desenho para crianças deve ser a simplicidade.

A criança desenha, traça ou garatuja com toda naturalidade o que éla acha que representa aquilo que vê, dando maior importancia ao que mais impressiona. O adulto destróe a espontaneidade da criança logo no 1.º ano de escola, quer deixando de cultivar a observação dos objetos desenhados, quer ensinando o convencionalismo (que só devia vir mais tarde) de fórmulas de desenho geometrico, de copias etc. e o desenho que era uma lingua-

gem expressiva e saborosa da criança, passa a ser uma serie de formulas e fórmula de nomes complicados que se traçam com regras e compassos. Surge então a lenda que só pode desenhar quem tem geito e de fato, depois que o adulto destróe o desenho espontaneo da criança, só póde conservar ainda o desenho a que tem um dom especial.

A inspiração espontanea da criança deve ser, para o professor de desenho, coisa sagrada—: êle não creará regras para a criança mas para si proprio; não tocará no desenho da criança, quero dizer: não corrigirá com traços.

A mão traça o que o cerebro dita. A disparidade do cerebro do adulto e da criança é tão grande que não seria de admirar a correção do professor resultar um aleijão incompreensivel pela criança e aniquilador de sua inspiração. A correção deve sempre, começando pela aprovação do que está certo, chegar a observação do que está errado. Apontar a qualidade encoraja e estimula.

Em hipótese alguma fará o professor critica ironica de um desenho, ou motivo de riso por mais engraçado que seja, pois desenhar é uma ação profunda que vai além do grafico que a mão traça. Pedagogicamente a sensibilidade da criança é sagrada e um menino que desenha uma coisa grotesca, mas que não deixa de ser uma manifestação de vida, póde tomar horror ao desenho porque riram dêle injustamente a seu ver, pois êle compreende o seu desenho.

A correção do desenho espontaneo será feita no quadro negro por professor que saiba desenhar. Suponhamos que o aluno Paulo de 8 anos, fez um desenho que logo de relance vemos claramente ser o seguinte—: um general a cavalo, de espada na mão; o desenho frisa pelos bordados que se trata de um general que comanda com a espada na extremidade do braço estendido e, pelas orelhas e patas do animal que se trata de um cavalo. O desenho está portanto perfeitamente visivel, embora a cabeça possa estar enorme em relação ao corpo, ou outra qualquer desproporção. O professor começará dizendo a Paulo que gostou muito do seu desenho, por estar bem claro o que êle quiz dizer; em seguida chama Paulo para junto de si para fazer observar a diferença de proporções do adulto e da criança.

A medida que explica o professor irá fazendo graficos de-

monstrativos no quadro negro e terminará animando Paulo a que repita seu desenho com as correções feitas.

Aproveitando esse motivo da aula do dia, convidará o professor todos os alunos da classe a que observem os cavalos que virem na rua, comparando bem o tamanho da cabeça com a largura do corpo, tamanho das pernas, cauda etc. e assim que chegarem em casa façam um desenho do que viram e observaram e, se por qualquer motivo não puderem desenhar, contem então o que observaram a qualquer pessoa da família.

Na aula seguinte as crianças mostrarão ao professor os desenhos e darão explicações.

Esse empenho em que as crianças observem e desenhem imediatamente, cu pelo menos contem a alguém as observações feitas, visa educar simultaneamente a visão e a memória, por que a mão traça, mas são os olhos e a cabeça que dirigem. E' visando esse fim que no método se intercalam as aulas de desenho livre com os exercícios de memória.

Cultivando a sensibilidade da criança através do desenho intuitivo, o professor incute nela o habito de observar, comparar, calcular antes de agir; a dar direção ao traço antes de traçar, o que é essencialmente educativo.

O desenho tal qual é ensinado geralmente em nossas escolas, afasta a criança do fim a que se destina que é o mundo ambiente, a vida pratica. O desenho das nossas escolas é abstrato, superficial, sem contacto com a vida. Na mesma sala onde as crianças acabaram de ter aula de arimética se inicia a de desenho que consiste em traçar em cadernos fórmias geometricas, que são depois coloridas a lapis de côr, sem nenhuma significação e nenhum fim util. Aulas aborrecidas de que as crianças não gostam.

O ensino de desenho é porém coisa muito diversa. Devemos começar por fazer as crianças mudarem de ambiente—: leva-las ao jardim ou pelo menos para uma sala diferente da que estavam.

A aula de desenho deve ser movimentada e nada melhor para fazer uma criança compreender o que é uma linha réta ou curva, que observar em seu proprio corpo. Qual a vantagem de ensinar fórmias geometricas abstratas si não ensinarmos ao mesmo tempo á criança a assimilar e fazer transposição de fórmias tipos dentro da natureza nos objetos usuais? Outro ponto interessante é fazer as crianças concientes da vantagem do desenho

como linguagem universal. Esta sentença: "uma palmeira e uma casa" diz pouco para quem possa ler o portuguez; mas "uma palmeira e uma casa" desenhadas dirão muito a quem quer que olhe, de qualquer nacionalidade que seja.

UM GRANDE MOVIMENTO EDUCACIONAL

O problema educacional está em fóco. Os nossos diretores se impregnaram do mais fervoroso entusiasmo pelas questões de educação. O nosso ensino primario renovou-se inteiramente nos moldes da nova Diretoria Técnica de Educação.

Dentro dessa orientação o ensino do desenho baseado no desenho espontaneo da criança deve tomar a sua verdadeira finalidade de *instrumento auxiliar da educação no desenvolvimento normal da imaginação, sensibilidade e memoria de criança.*

Para atingir essa finalidade é necessario que a criança pratique o desenho com satisfação propria, com prazer, disposição e exito. Entrando num terreno mais concludente de minhas observações julgo ser util e pratico dar a seguir um pequeno programa da maneira de distribuir as lições fazendo do desenho espontaneo a base do desenho nas escolas primarias.

DAS SALAS DE AULAS

A influencia do meio tem grande importancia. A sala de aula déve ser clara, arejada, ter, além do quadro negro, quadros com tampas moveis de vidro, onde são expostos os desenhos do professor e os melhores desenhos dos alunos, assim como as reproduções de obras de arte que o professor e os alunos possam arranjar. Algumas plantas, algumas flores da estação dão vida á sala. Si não fôr possivel obter algum objéto artistico, alguma boa reprodução de obra de arte, alguma gravura artistica, é preferivel deixar as paredes nuas, a ter cromos horriveis, folhinhas, vasos banais, etc.

DOS CURSOS

Curso Infantil — 5 a 7 anos

A criança nessa idade encara o desenho como um brinquedo, um jogo. Para os fins educativos convem conservar esse caráter

de jogo e ir guiando a criança discretamente sem se esquecer que todo jogo tem regras e disciplinas.

PROGRAMA MÉTODISADO

O fim do ensino é cultivar e aperfeiçoar o desenho espontâneo com auxílio—: 1.º) *do desenho decorativo* que conduz á ordem. 2.º) *do desenho de memoria* que é controle. 3.º) *do desenho do natural* que é observação. A base do método é o desenho espontâneo, mas as lições tomam nomes diferentes e são intercaladas de exercicios de memoria. Cada lição é dividida em dois tempos.

Cada aluno deve ter dois cadernos de desenho além de todo o material necessario.

CURSO ELEMENTAR 7 A 9 ANOS

Nos cursos elementares as lições seguem o mesmo método, as dificuldades é que vão aumentando. Os desenhos livres são sobre assunto de lição de coisas, ilustrações de deveres de historia, geografia etc. Noções de perspectiva de observação e modelagem.

CURSO MEDIO 9 A 11 ANOS

Desenho do natural de objetos usuais mais difíceis. Exercicios de memoria com mais precisão. Desenho explicativo das lições de coisas. Desenhos ilustrados. Arranjos decorativos para fins determinados e praticos. Desenho livre a lapis, pastel ou aquarela. Indicações gerais de perspectiva de observação. Desenho geometrico. Noções de projeções, exercicios de croquis cotados. Modelagem. No fim do curso medio as crianças devem ter passado de imaginativas a observadoras. Os desenhos devem ter passado do mais ou menos para a representação mais carateristica das coisas, conservando entretanto cada aluno sua liberdade de expressão.

Chegando aos cursos secundarios e superiores, o aluno, já familiarizado com o desenho livre, tem neste um auxiliar poderoso para todos os seus estudos e atividades futuras.

EXPLICAÇÃO DAS LIÇÕES

1.ª Lição — Composição decorativa.

O professor começará por explicar aos pequenos alunos que para fazer um desenho decorativo é preciso ter um elemento, como em qualquer jogo é preciso ter bolas ou dados etc. Uma letra é um elemento decorativo, um ponto, um traço etc., são elementos. As letras do alfabeto são 25 elementos, os 10 algarismos também. Como as crianças ainda não conhecem as letras, a primeira lição será com um ponto e um traço. A medida que explica, o professor faz desenhos com o elemento dado.

Com lapis de duas cores os alunos farão a seguir seus desenhos. 15 minutos antes de terminar o tempo da aula o professor suspende os trabalhos para dar o tema para um desenho de composição livre isto é, um desenho livre que cada aluno deve fazer fora da aula e trazer na próxima lição. Si não fôr possível obter isso, fica para a próxima aula o desenho livre do tema dado.

EXPLICAÇÃO—: Na escola moderna, o desenho é o auxiliar das outras disciplinas, ajuda a explicar e a gravar na memoria as demais lições, devendo por isso o tema do desenho livre ser de acôrdo com o assunto da aula anterior. Suponhamos que tenha sido geografia—: mar, terra, etc., ou ainda que tenha sido aritmética—: 3 pães, 4 ovos etc. O estudo é sempre dentro da natureza e o desenho é concreto e livre como a natureza. Suponhamos que o tema seja uma casa e uma arvore: é preciso dar explicações sobre: 1.º a casa é para habitar, tem tecto, janelas para arejar, portas para entrar e sair; a arvore dá frutos e sombra, tem tronco, ramos, folhas etc., cada arvore tem um carater especial; citar exemplos que as crianças tenham facilidade de observar. Terminada a aula as crianças deixam com o professor o caderno n. 1 com os desenhos decorativos e levam os cadernos n. 2 para os desenhos livres.

2.ª Lição — Exercício de memoria.

1.º tempo—: No caderno n. 2 o professor faz os alunos repetirem de memoria o desenho decorativo da aula anterior. Está claro que, assim como não se exige palavra por palavra da lição tomada, assim também no desenho de memoria não se pede traço por traço do desenho anterior, mas apenas o aspecto geral.

2.º tempo—: Correção do desenho livre "uma casa e uma

arvore" diante de toda classe, com classificação dos melhores trabalhos para exposição. O professor deve sugerir mais que corrigir, propor mais que impor, levando em conta que assim como as crianças ainda não podem escrever as palavras arvore e casa, só muito imperfeitamente poderão traçar a arvore e a casa. O professor deve se contentar que o desenho dê uma idéa da casa e da arvore. Convem assinalar todas as qualidades corrigindo no maximo 2 defeitos dentro do bom senso: não tocar em erros de perspectiva, levando em conta que uma criança de 6 anos, tendo uma concepção rudimentar das coisas, não pode transmitir desenhos superiores á sua mente.

3.^a Lição — *Desenho do natural*

1.^o tempo—: Suponhamos uma chicara para modelo; o professor fará uma curta preleção a respeito desse objeto, a sua utilidade, materia, fórma, côr e proporções; tudo isso acompanhado de desenhos no quadro negro que apaga imediatamente para não habiauar as crianças á copia. Os alunos desenharam o modelo dado.

2.^o tempo—: O professor faz trocar de cadernos e dá o tema para o desenho livre que será feito si possível fóra da aula; tema: "um navio". Explicações sobre o tema "um navio".

4.^a Lição — *Exercício de memoria*

1.^o tempo—: Os alunos repetem de memoria o desenho da chicara da aula anterior. O professor deve explicar aos alunos que o fim do desenho de memoria é medir até que ponto êles lembram da lição procedente e que êles devem pensar um pouquinho para lembrar como era a chicara, sua côr, fórma, tamanho etc.

2.^o tempo—: Correção em aula do desenho livre "um navio". Classificação e escolha dos melhores trabalhos para expor na aula em substituição aos desenhos que estavam no quadro movel.

CONCLUSÕES

Do que ficou exposto tiramos as seguintes conclusões:

- a) — Que o desenho espontaneo é a base natural e segura para o ensino do desenho;
- b) — que o ensino metódizado do desenho é simples e atraente;
- c) — que o desenho aprendido dentro dessa orientação não é uma habilidade, mas um conhecimento pratico, como escrever.

BÔA LUZ REDUZ O NUMERO DE REPROVAÇÕES

J. LOURENÇO COSTA

Fazer a ponta dum lapis com um canivete cêgo é trabalho muito mais peroso do que fazel-a com um canivete amolado. O esforço é maior e portanto o dispendio de energia e a consequente fadiga são maiores.

Os nossos olhos são, como o canivete do exemplo citado, uma ferramenta. O trabalho que fazem é o de ver os objectos e é claro que ver com olhos perfectos é muito mais facil — exige menor dispendio de energia — do que fazel-o com olhos defeituosos.

As estatisticas mostram que cerca de 15 % dos alumnos das escolas adquirirem defeitos visuais nas proprias escolas.

Porque o canivete fica cêgo? Porque não se lhe dá o devido cuidado; porque se o conserva sob condições diversas das para que foi feito. O mesmo succede com os olhos.

Os olhos se desenvolveram ao ar livre, sob a intensidade da luz do sol, pelo que devera funcionar normalmente sob intensidades iguais à que proporciona o sol. A natureza tambem mantém os olhos de sobra: celhas par evitar a acção directa sobre elles dos raios solares.

E' logico portanto que no nosso novo systema de vida, isto é, dentro de casa, procuremos reproduzir tão fielmente quanto possivel estas condições favoraveis ao funcionamento do orgão visual para evitarmos damnifical-o e prejudicar-nos a saúde.

Os olhos têm ligação com as outras partes do nosso corpo e os abusos a que os obrigamos reflectem-se em todo o organismo.

Luz abundante e bem dirigida é o que nos recomenda a hy-

giene dos olhos, e innumeradas observações indicam que condições perfectas de iluminação significam valiosos ganhos no terreno da saúde, do bem estar, da capacidade de trabalho. A nossa attitude geral é funcção da luz que nos rodeia. Um grande numero de reprovações nas escolas pôde ser attribuido a insufficiencia de luz. Vertigens, dôres de cabeça, anemia, abatimento geral em muitos casos têm como causa uma iluminação imperfecta.

E' possível conhecer das condições existentes numa escola por meio dum aparelho chamado "sight meter". A General Electric possui um destes instrumentos e estamos certos, terá prazer em mostral-o a qualquer pessoa interessada.

Para terminar, queremos citar a experiencia feita numa escola do Estado de Alabama, nos Estados Unidos. Escolheram-se duas salas de aula em condições exactamente iguaes — mesma area, mesma superficie de janellas, mesma exposição ao sol. Cada uma já possuia duas lampadas de 150 watts em globos de iluminação directa, commandadas por interruptores de parede. Uma das salas não soffreu alteração, porém, na outra, as lampadas originaes foram substituidas por 4 lampadas de 300 watts, em aparelhos de iluminação totalmente indirecta, commandadas por um interruptor automatico (photoelectric) G.E. ou "olho electrico". Um numero igual de alumnos, cuidadosamente escolhidos, de modo a se enquadrarem todos na mesma cathegoria, foi destinado a cada sala. No fim de dois annos, observou-se na sala onde a luz era melhor e automaticamente controllada, o numero de reprovações diminuiu de 20%. Educadores e oculistas acompanharam com grande interesse aquella experiencia.

SELECCÃO REAL DE VALORES

*These apresentada ao 2.º Congresso Nacional de Educação, reunido
em Belo Horizonte, pelo delegado fluminense
Dr. Jayme de Barros*

Um dos nossos novos economistas resumiu os males brasileiros numa phrase, sem duvida mais feliz, por que mais exacta, do que a do professor Miguel Couto — falta de riqueza.

A expressão seria, talvez, mais precisa se modificada para falta de producção.

Riqueza temol-a inexplorada na vastidão das nossas terras ainda virgens e das nossas florestas irvioladas. E' nos campos que a encontraremos com o esforço do trabalho.

E' o homem que valorisa a terra. Povoal-a, adensar os nucleos de população, significa augmentar-lhe a producção, a riqueza, e riqueza quer dizer bem-estar, saúde, conforto, competição, afirmações victoriosas de capacidade, de energia, de ambição, de forças realizadoras capazes de construir uma grande Nação.

Já o disse em outro trabalho e quero repetir aqui — O Brasil ainda não é um paiz essencialmente agricola.

Precisa ser.

Sem população bastante densa não poderemos trabalhar devidamente a terra, não teremos producção, riqueza, saúde, instrucção de que precisamos.

Toda a vida moderna se reduz a um sadio materialismo economico. Nas suas ansias de fortuna ha um maravilhoso idealismo que sonha com coisas reaes que a existencia póde dar.

Impõe-se-nos, antes de conseguir adensar numa proporção maior e distribuir convenientemente os nossos nucleos de população, fixar e desenvolver os existentes, radicando-os cada vez

mais à terra e procurando tornar os seus habitantes economicamente autonomos.

Ora, o ensino, ministrado anarchicamente, numa concentração desastrosa, imposta pelo meio, conduzindo a uma instrução negativa, sem essa consciencia elementar da terra, fonte primaria de toda a cultura, tem sido, no nosso paiz, um dos factores de absorção da vida campestre.

A escola, fundada num amplo raio da acção de varios kilometros attrahe e desloca as populações infantis, acordando o nosso irreprimivel instincto de aventura.

Os me hodos artificiaes de ensino realizam o resto.

A criança, ao desenvolver-se, sente-se cada vez mais afastada do seu berço, experimentando uma incomprehensivel hostilidade da natureza circumdante.

Já e num grau mais avançado de ensino nos grupos escolares, essa separação se accentúa. O afastamento faz-se maior. Forma-se a falsa impressão de que a vida só é boa e facil nas cidades. A ansia de emigrar augmenta. Deficiencias do aparelhamento economico, mingua de producção, carencia de riqueza, de transporte, de credito, espalham em derredor a desolação. O abandono da terra, depois desse mal orientado contacto com meios mais favorecidos e do despertar das primeiras luzes indecisas e confusas do ensino, é inevitavel.

DUALISMO NECESSARIO

Não se deve, portanto, desassociar o trabalho de disseminação do ensino desse pensamento dominante de fixação do homem ao meio.

Alguns publicistas tem se insurgido, nos ultimos tempos, contra o que denominam "o dualismo da mentalidade nacional".

Vêm mesmo nessa differenciação mental entre os habitantes dos campos e os das cidades factor que corrompe o sentimento da unidade social e politica do paiz.

Parece haver aqui erro flagrante de observação. Esse dualismo não só é inevitavel, mas absolutamente necessario.

Ha, por um lado, realmente, a necessidade cada vez maior de povoar os campos e nelles desenvolver a nossa producção.

Para isso, a escola precisa adaptar-se ao meio, integrar-se nelle e evitar o deslocamento das populações infantis.

É a obra que o Mexico já realizou e prosegue com espantosos resultados na fundação das escolas agrarias.

Pela mesma razão, nas cidades, as escolas devem obedecer á idéntica orientação, e, mais ainda, é preciso não só integral-as ao proprio meio, como ampliar o seu raio de educação, no sentido de envolver toda a complexidade dos problemas nacionaes.

Nas escolas dos grandes centros urbanos, formam-se as élites, os professores, os technicos, e sem esses elementos não haverá direcção, não existirá ensino, nem haverá technica possível.

A civilização brasileira se processa num movimento de penetração para o interior. Saímos da orla maritima para o sertão e de lá, no reconcepo da terra, deveremos um dia voltar, fortes e varonis, com as mãos cheias de riquezas, para affirmar o espirito indestructivel da nacionalidade em meio do cosmopolitismo tumultuario das cidades.

Os jovens escriptores nacionaes tiveram todos a revelação clara e precisa desse phenomeno e viram desenvolver-se-lhe ante os seus olhos, com a nitidez da propria realidade, esse quadro historico do futuro do Brasil.

Um delles, Affonso Arinos Sobrinho, possui um poema inédito em que o homem sertanejo vindo do interior chega ao cume da Mantiqueira no instante em que toda a natureza accorda ao toque symbolico da alvorada.

Apenas o poema, como era natural, por ser futurista, adiantou-se muito. Para voltarmos ao sertão com essa consciencia cavalheiresca do verdadeiro espirito da nacionalidade, precisamos antes ir ao sertão.

Ronald de Carvalho comprehendeu tudo. Em romance tambem ainda inédito, figura o mallogro do homem brasileiro nas cidades, derrotado pela competição cosmopolita de outras raças mais fortes, e o seu regresso aos campos, onde vae haquir forças vivas da propria terra para varrer, então, do littoral, pela absorpção do seu trabalho, pelo volume economico de sua producção, os advenas.

A citação desses autores, que não são technicos em materia de

ensino, tem valor excepcional para o assumpto em debate, precisamente por isso que não são só technicos.

Elles nos indicam na sua intuição divinatoria de artistas, e de artistas moços, que o nosso problema nacional reside todo nos campos e não nas cidades.

Inevitavel e necessario esse dualismo da mentalidade nacional, formada nas cidades e nos campos, deve persistir, mas, já agora, no estado actual da nossa civilização, em beneficio da verdadeira elaboração de uma consciencia brasileira com raízes profundas na terra.

É essa consciencia, no dizer de um outro escriptor, "não se fórma unicamente na escola, mas na officina; não pela leitura mas pelo trabalho; não, apenas, para defesa do sólo, mas para defesa de um patrimonio material".

Conseguido isso, esse mesmo dualismo que parece ameaçar romper o sentimento da unidade nacional, no conceito assustado de alguns observadores, desaparecerá, ficando apenas, uma e indivisivel, irradiada dos campos e elevada nos nossos grandes centros de civilização, uma só consciencia brasileira.

Por enquanto, essa consciencia, ainda em formação, é apenas das nossas *élites*, fortalecida pelo sangue generoso das novas gerações, que procuram expandil-a, desenvolver-a e distribuirl-a no interior do paiz.

Já é d'hi que, de quando em quando, nos vem a revelação imprevista de escriptores, pensadores e artistas, cujo triumpho as metropoles nacionaes celebram com enthusiasmo.

Nota-se mais ainda uma correspondencia espiritual intensa entre todos os homens novos do Brasil, que começaram reagindo com a reclamada violencia contra os figurinos de importação. Voltaram-se para o seu meio e realizaram a exigida tarefa de destruição impiadosa e brutal de tudo o que era falso, caricatural, burlesco.

Suas preoccupações dominantes foram e são a terra, o homem, a raça, a nacionalidade.

E' preciso fecundar a terra, revelar a alma do homem, desenvolver as energias eaes da aça, formar uma mentalidade nacional, sem a qual nunca affirmaremos a nossa personalidade no mundo,

Tudo o que se fizer em materia de ensino no Brasil deve visar esse objectivo.

AFERIÇÃO DE VALORES

O ensino deve procurar graduar e distribuir as capacidades, apurando tanto quanto possivel os valores para não estimular nem favorecer o espirito de aventura no baralhamento e no desperdicio de aptidões.

O individuo deve ficar onde póde viver bem, bastando-se a si mesmo, á sua familia e servindo, assim, á sua patria.

Mas o que se não admite mais, em nenhum terreno, nos nossos dias, e especialmente em relação ao ensino, é o privilegio, de qualquer natureza.

Todos os homens, em principio, são iguaes.

Ao Estado cumpre assegurar-lhes, portanto, sem distincção de origens e de classes, no que de sua acção depender, idênticas possibilidades.

Só o aperfeiçoamento individual e a capacidade singular de cada um podem estabelecer as inevitaveis differenciações.

Já então, cabe tambem ao Estado intervir para favorecer e estimular os que manifestarem mais accentuados pendores para attingir espheras em que poderão ser mais uteis á collectividade.

Já não será, pois, um privilegio e sim um melhor aproveitamento de valores.

No primeiro caso, o Estado obriga-se a ministrar gratuitamente o ensino a todos e, no nosso paiz, até um certo ponto.

Mas é exactamente desse ponto em diante que começa a desigualdade cuja reparação se impõe.

Aos providos de recursos, e que, por vezes, no nosso regime, já nas escolas primarias occupam injustificavelmente o lugar do pobre, limitadas que são as matriculas, ficam todas as possibilidades de proseguir. Os desprotegidos da fortuna param, tolhidos pela falta de meios, e estes são em numero infinitamente maior.

Ora, a escola, primaria não basta á educação moderna. Os povos que já resolveram o problema da alphabetisação quasi integral, cuidam, agora, de aprofundar sua cultura, e criam, como a

Inglaterra, cursos posto-escolares, no instituto para adultos, e a extensão universitária para operários. A França, por sua vez, fundou, pelo projecto Viviani, cursos para vações de 13 a 17 annos, como ainda ha pouco accentuava o director de Instrucção do Estado do Rio.

Não é esse o nosso caso nem isso deve impressionar-nos.

Impõe-se-nos, em materia de ensino, não transportar ás cegas o que outros povos praticam, mas realizar, sem desprezar o que a sua experiencia, sua cultura e sua sabedoria concluíram, obra de verdadeira adaptação.

No ensino primario, nos cursos secundarios e normaes a preocupação inicial deve ser a de radicar ás massas escolares ao meio e oriental-as no sentido de maior, mais efficiente e perfeito aproveitamento de suas riquezas e possibilidades.

Parallelamente, por um curso rigoroso de sedecção, devem ser destacados, então, aquelles que houverem revelado maiores aptidões para encaminhal-os a mais avançados estudos.

Na impossibilidade de estender a todos, nos differentes graus do ensino, a gratuidade, o Estado, sem crear privilegios, mas premiando, apenas, legitimas capacidades, toma ao seu cargo os melhores elementos destacados nos cursos iniciaes e os conduz, por sua conta, sob sua protecção e vigilancia, até ás espheras mais elevadas do ensino, que suas forças permittirem alcançar.

Assim o alumno que revelar na escola publica do primeiro grau, predicados invulgares, exceptionaes de intelligencia, applicação, vivacidade, bons habitos, mediante applicação de *tests*, o Estado o conduzirá á sua custa successivamente, pela severa verificação de identico processo, á escola do 3.º grau, ao grupo escolar, ao gymnasio e ao curso superior para o qual se definir sua inclinação profissional.

Esse processo, emanado de uma idéa generosa de verdadeira democratização do ensino, será em breve posto em pratica no Estado do Rio de Janeiro pelo Presidente Manuel Duarte, que assim o concebeu em moldes inteiramente ineditos e vae inaugural-o no nosso paiz.

Pela primeira vez, realmente, se cuida no Brasil, de praticar, por esse modo, no ensino, o regime democratico.

Sem ser um privilegio legal, o ensino, em verdade, ainda é

aqui um privilegio de facto dos ricos e dos que dispõem de razoaveis recursos, permanecendo, pelo menos nos seus graus superiores, inacessível aos pobres.

Falta-se, assim, voluntariamente, ao principio fundamental da egualdade em que se assentam os regimes republicanos e democraticos.

E', na massa enorme, humilde, obscura e soffredora do povo, precisamente que se encontram, desperdiçados, subtraídas no acervo da cultura humana, ignorados valores mentaes e moraes, cuja actuação se faz indispensavel á vida e ao desenvolvimento da sociedade.

Pratica-se, no regime prohibitivo do ensino nos cursos mais elevados, restricções das mais crimonosas, feita á maior massa das populações.

Ninguem poderá avaliar que reservas surpreendentes de capacidades creadoras, de energias victoriosas, de forças dymnamicas, intellectuaes e moraes, se occultam nessa formidavel massa humana.

A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO

Os regimes republicanos e democraticos, desaproveitando-as, deixando-as entregues ao fatalismo de sua contingencia, impedindo-as de colaborar na sua existencia, lavram, desse modo, irremissivelmente, a propria condemnação.

Faltar-lhes ha, assim, sempre, a necessaria base em que se deverá assentar toda a sua estrutura.

Não se compreenderá nunca uma republica sem o aproveitamento geral de valores mentaes a menos que não sejam esses regimes meras figurações de um malabarismo politico, de que o povo não participa, assistindo, assustado, ao perigoso jogo de punhaes dos seus comparsas e equilibristas.

O Presidente Manuel Duarte, homem que foge ao sentimentalismo e á exaltação rômantica em face do espectáculo da vida brasileira, para a analyse feita e perfurante dos raciocinios, teve a revelação desse grave erro até agora inevitado da organização do nosso ensino. Mais do que um erro. Por certo uma injustiça e talvez um crime.

Injustiça praticada contra aquelles que se vêm privados de occupar na sociedade, na vida do paiz e do regime, o lugar que lhes cabia e que lhes foi subtraído pelos que dispuzeram de recursos e se improvisaram em perniciosos dirigentes dos nossos gestiros. As deficiencias de sua economia, prohibiram-lhe, de inicio, a concorrência, a competição, o triumpho.

A victoria foi, assim, facil á mediocridade sem competidores.

Um crime por que fere fundo a propria vida do paiz, nessa diminuição inicial de suas energias vitais.

Mais ainda do que um erro, uma injustiça, um crime — é um ludibrio.

Ludibrio do regime que se funda e se apoia no povo e que, no entanto, o priva de nelle collaborar através das suas maiores e authenticas expressões.

Reconhecida a impraticabilidade de tornar gratuito o ensino, no estado actual da vida brasileira, e com o objectivo de conter o homem onde atingiu ao maximo sua capacidade intellectual e productiva, só a criação de um curso de selecção, poderia permittir se fossem buscar, democraticamente, na massa anonyma do povo, esses elementos humildes, que as injustiças sociaes, mesmo nos regimes republicanos, condemnam a tristissimo sacrificio.

O Presidente do Rio de Janeiro, que é, elle proprio, uma experiencia da vida, na revelação do esforço inaudito que teve de dispendir para galgar, sózinho, o seu lugar ao sol, está no firme proposito de inaugurar no seu Estado e no paiz essa seductora intervenção do Estado para o aproveitamento real das capacidades.

O Sr. Manuel Duarte já tem em estudos um projecto com a applicação do qual pretende ir buscar no seio mesmo do povo, através da escola primaria, a criança que ahi revelar accentuados penhores intellectuaes e conduzi-la successivamente a todos os graus superiores do ensino, obrigando até ao curso de aperfeiçoamento na Europa.

E' realmente incrível que os nossos governos, habituados a dispendir sommas e sommas vultosas para todos e quaesquer empreendimentos que lhes sorriam á fantasia ou ao capricho, não hajam ainda cuidado de iniciar tão generoso movimento em favor da educação nacional.

Se cada um dos Estados, guardadas as proporções de suas possibilidades financeiras, adoptasse esse systema, dentro de vinte annos teriamos realizado obra surpreendente em beneficio da educação do paiz.

Será difficil calcular o tragico desperdicio de capacidades que se observa no Brasil.

Pobres, não podemos, quasi todos completar a nossa formação mental, feita entre privações e solicitações de toda a sorte, de renuncias e de sacrificios dolorosos, de desanimos e revoltas incontidas, numa desorientação, nociva, doentia, desintegradora dos melhores esforços constructivos.

Quando se vence, se algum dia se chega a vencer, é quasi sempre tarde. Traz-se já na alma ferida o veneno do scepticismo da descrença.

Será sempre no meio do povo que encontraremos as maiores reservas da mentalidade nacional.

Se os Estados organizassem processo seguro de selecção nas suas populações escolares, dirigindo, na medida de suas forças economicas, a educação de alguns de seus filhos, dentro de alguns annos somnariamos optimos resultados em beneficio geral do paiz.

Não só poderíamos encaminhar aqui mesmo, num sentido brasileiro, essa obra de educação, como completa-a, mais tarde, com a experiencia européa.

Sabe-se que o factor talvez preponderante na transformação vertiginosa por que passou o Japão em quarenta annos foi a formação de suas futuras classes dirigentes concluida na Europa.

A idéa do curso de selecção é de facil realização. O Presidente Manuel Duarte vae, demonstral-o no Rio de Janeiro. O projecto que lhe está servindo de base de estudos, sujeito, portanto, ainda, a modificações, é o seguinte:

Art. 1.^o — O alumno pobre do sexo masculino que, em escola publica de 1.^o grau, revelar intelligencia supra-normal e applicação, pronunciado gosto pelo estudo, vivacidade e bons habitos, pendor para qualquer especialização, proseguirá seus estudos, de accordo com as seguintes bases:

1.^o — Além do aproveitamento revelado em classe, durante o anno lectivo, pelo menos em 6 provas escriptas rigorosas, e de

uma ficha de observação, que será organizada pelo professor, mediante regras que serão fixadas, se procederá mensalmente e á applicação de *tests*, assim como a uma prova final de recapitulação sobre cada uma das disciplinas ministradas, para acompanhar-se o coeficiente intellectual e o progresso do alumno;

2.º — Concluido o curso em escola de 1.º grau o alumno passará á de 2.º grau e desta ao Grupo Escolar, sempre custeada a sua manutenção pelo Estado;

3.º — No Grupo Escolar será mantida rigorosa observação para que se forme um juizo seguro sobre as qualidades individuaes do alumno, afim de surpreender-se sua inclinação vocacional e conhecer-se o seu character;

4.º — O Governo manterá um internato na séde do municipio onde estiver localisado o Grupo Escolar e não houver collegio particular com aquelle regime, para alli conservar os alumnos que se destinam ao Curso de Selecção, procedente de districtos ou villas;

5.º — No fim do anno lectivo, em cada Grupo Escolar se existirem mais de 2 alumnos nas condições da alinea 1 far-se-á a prova final de selecção, por meio de exames escriptos e applicação de *tests*, apreciados tambem os trabalhos ou exercicios escolares feitos durante o anno, em classe, tudo de accordo com construcções sepecies que serão expedidas pelo Director de Instrucção.

Classificados serão os alumnos segundo sua maior capacidade de assimilação, vivacidade de intelligencia, presteza de resolução, e aproveitamento. Os dois que obtiverem os primeiros logares serão os que ingressam no Curso de Selecção proseguindo no estudo até ás escolas superiores, cursos technicos, etc., e sempre de accordo com a sua vocação, que jámais será contrariada.

6.º — O Estado reserva-se o direito de cancelar a matricula daquelle que durante o curso decahir no conceito anteriormente fixado e revelar a aquisição de maus pendores, habitos e vicios, que comprometam a parte moral e a bôa conducta;

7.º — Os paes ou tutores de alumnos que ingressem nesse Curso deverão requerer ao Governo a respectiva inscripção, confiando ao Estado a educação do menor sob sua guarda, e se se tratar de menor orphão será essencial a previa autorização do Juiz de Direito;

8.º — O alumno desse Curso que obtiver qualquer diploma

ou ultimar os seus estudos de especialização, terá preferencia para nomeação para cargos publicos do Estado, independentemente de concurso, desde que, occorrendo vaga que se não preencha por acesso ou promoção garantida ao funcionario o requeira ao Governo;

9.º — Em qualquer tempo e de accordo com as condições financeiras do Estado poderá ser ampliado, mediante proposta do Director de Instrução o numero de inscripção no Curso de Selecção, para cada municipio;

10.º — As doações ou legações que particulares ou instituições possam fazer em beneficio desse Curso serão objecto de uma escripta especial e applicados exclusivamente em proveito da ampliação do mesmo Curso, publicando-se um balancete annual do resultado dessa applicação;

11.º — Nos municipios em que existir estabelecimentos de ensino secundarios, sob o regime de internato, o Governo lhe concederá uma subvenção annual com a obrigação de receber determinado numero de alumnos, gratuitamente, dos classificados no Curso de Selecção ou entrará em accordo para a fixação de uma annuidade modica para os que excederem daquelle numero;

12.º — O regime para os que seguem o Curso de Selecção, quando fóra da localidade em que residem, será o de internato;

13.º — Quando passar á escola superior, e se pubere, o alumno terá apenas uma pensão correspondente á sua manutença e não ficará sujeito ao regime de internato, porém, continuará sob vigilancia do Estado a fim de apurar-se a sua efficiencia nos estudos e a sua conducta na sociedade;

14.º — Ficam excluidos da regra do art. 1.º os alumnos dos Grupos Escolares e escolas de Niteroy e das sedes dos municipios de Campos, Petropolis e S. Gonçalo.

Art. 2.º — O Governo expedirá o Regulamento especial e as instrucções que forem convenientes.

Art. 3.º — Serão abertos os necessarios creditos.

Para applical-o, impõe-se inicialmente, dada a impossibilidade de estender a todos essa protecção do Estado, grande rigor na escolha dos alumnos que deverão merecel-a.

Mas aqui é que a maior difficuldade se apresenta.

Os processos até agora empregados para aferição de valores

são muitos falliveis. Apenas começamos a praticar o *test*. O criterio corrente é o da simples verificação de notas. Ora, nem sempre o alumno que obtem as melhores notas no curso é o que possui maiores aptidões intellectuaes. Ha necessidade de conjugar factores complexos para seguro julgamento. Estudantes existem que se fazem verdadeiros tecnicos em materia de estudos e de exames. Cingem-se aos livros, gravam o que elles ensinam, reproduzem-no, mas serão incapazes de, acima delles, emprender um raciocinio isolado. Precisam sempre do seu apoio. Param ali. Nunca irão além. Estarão sempre abaixo do que aprenderam.

Outros, com faculdades de apreensão rapida, estão sempre acima dos livros, guiados pela propria curiosidade mental. Desenvolvem, associam, transformam as idéas, os pensamentos iniciaes em utras idéas e differentes pensamentos.

São frequentes os exemplos de grandes homens que foram máos estudantes e soffreram reprovações em exames.

Em face desses aspectos desnorteantes, o mestre carecerá de especial intuição para aferir o valor real dos seus alumnos.

Ora, o curso de selecção ficará prejudicado nos seus objectivos se faltar o rigor desse julgamento.

Fica, portanto, sua applicação rigorosa a depender do magisterio.

Ao Presidente do Estado do Rio de Janeiro não escaparam todas as subtilezas desses aspectos do problema.

Assim, está cuidando de desenvolver no Estado o emprego de *tests*, habilitando o magisterio fluminense a aferir com segurança o valor dos alumnos.

Cogita-se da criação na Escola Normal da Capital Fluminense de um Curso especial, em que um tecnico na materia dará ás futuras educadoras, nellas proprias applicando-as, noções praticas para julgamento exacto de aptidões intellectuaes.

Divulgada a applicação de *tests*, ainda em geral ignorada pelo magisterio, já ahí será facil ir buscar nas fontes obscuras de suas origens, como deseja o Presidente do Rio de Janeiro, os elementos capazes de ascender na escala social a todas as alturas em benefício da sociedade e do paiz.

E' de tal belleza e tão generosa essa idéa, que os governos estadoaes poderiam patrioticamente estendel-a a toda a Republica.

Seria o primeiro e grande passo para a republicanisação do ensino, no sentido de diminuir a injustiça de privilegios que a despeito do regime perduram criados por diferentes circunstancias.

Só dessa modo se chegará a uma selecção real de valores, tirado, é dever, do ensino assim oficialmente custeado, o caracter deprimente de um acto de caridade, e tornando-o antes, de interesse da propria Nação.

Os Estados dariam, annualmente, apreciavel contingente de verdadeiras forças propulsoras da nacionalidade cuja actuação se faria sentir, sob os mais variados aspectos, na vida geral do Brasil.

Explicando o papel do cobre nas ligas com outros metaes, como zinco e o estanho formando o latão e o bronze e nas moedas de prata e ouro para endurecer esses metaes, suspende-se a aula no meio de geral contentamento e entusiasmo sempre crescente pelos trabalhos experimentaes.

Na proxima aula, quando tratarmos de respiração, faremos um trabalho pratico interessante sobre dois gazes, um que não deve ser respirado, pois provoca a tosse, etc., e outro que sahe dos nossos pulmões pela expiração.

SETIMA AULA

Vamos preparar agua de cal, certamente de muitos conhecida, pelo facto commum de ver em suas casas, collocar uma colherzinha desta agua nas mamadeiras das creanças pequenas.

Depois de explicar a composição do ar; a respiração e a procedencia do anhydrido carbonico, resultante da combustão dentro de nosso organismo, dá para o *Trabalho pratico*, as seguintes

Instrucções — Colloquem em meio tubo d'agua cinco medidas de oxydo de calcio, sacuda convenientemente e deixe depois decantar a parte em suspensão para assim obter agua de cal, perfeitamente limpida. Veja com papel de tournesol se a agua de cal tem reacção acida ou basica. Faça, por meio de um tubo de tomar retresco ou um tubo de papel, o ar da expiração atravessar a agua de cal, ou sopra mesmo pelo tubo, observando que a agua de cal se turva quasi immediatamente, produzindo abundante precipitado.

Em excesso de anhydrido carbonico o precipitado desaparece, pois passa de carbonato de calcio a bicarbonato de calcio, que é muito solúvel.

Feita a experiencia, esclarece ainda a professora o papel de anhydrido carbonico no ar, que se torna asphyxiante, quando, aquelle gaz excede a certos limites.

O outro gaz a estudar hoje é o chloro, elemento de cheiro forte suffocante e venenoso, não se conhecendo o seu antidoto. Para se obter esse gaz façamos o oitavo trabalho pratico, seguindo as seguintes

Instrucções: — Colloque tres medidas de chloreto de sodio em um tubo de ensaio e addicione algumas gottas de acido sulfurico. Observe o que ocorre e aqueça, depois de addicionar quatro medidas de peroxydo de manganez, que darei a cada alumno, assim se obtem o desprendimento do chloro, produzindo-se ao mesmo tempo no tubo os sulfatos de sodio e manganez. Introduza no tubo pedaços de pannos e papeis coloridos, um pedaço de jornal, todos humedecidos em agua, e note o que se passa.

Questionario — 1 — A agua e cal é acida? 2 — O carbonato de calcio precipitado é branco? 3 — Qual o acido preparado na primeira parte da segunda experiencia de hoje? 4 — Quaes as propriedades observadas no gaz que se desprendeu? 5 — Qual a applicação domestica e industrial que pode ter uma das propriedades observadas? 6 — O que será a agua sanitaria, usada para a limpeza?

Os alumnos trabalham no mais profundo silencio, signal positivo da attenção despertada pelos problemas experimentaes propostos, e respondem ás perguntas, nos seus respectivos cadernos, tudo sob as vistas da professora, que esclarece uma ou outra duvida por elles apresentada.

Na proxima lição — annuncia a mestra — fabricaremos a polvorosa e para isso vocês tragam um vidro pequeno com carvão de madeira em pó e uma tampa da lata de graxa.

Vamos fazer o estopim, usando um pedaço de barbante branco de algodão mergulhado, durante uns tres ou quatro minutos, nesta solução de azotado de potassio, que acabo de preparar. Esse barbante depois de secco funciona como um verdadeiro estopim, po-

dendo se regular o comprimento a empregar para que elle vá queimando num determinado tempo.

Ensinarei tambem a fazer "o fogo chimico" sem phosphoro, espalhando, apenas, um pó sobre um liquido.

Gosto muito de maravilhas, exclamou um pequeno, mas... quero ver para crer.

OITAVA LIÇÃO

Redescobrir a polvora, era a preocupação do dia, juntamente com a promettida producção maravilhosa do fogo!

Chega a mestra: avisada da existencia do carvão pulverizado dá as seguintes

Instrucções: — Colloque sobre uma folha de papel duas medidas de azotado de potassio, que vou distribuir, duas medidas de enxofre e uma medida de carvão de madeira, em pó, e misture esses corpos, perfeitamente, sem esmagar ou attritar com força. Essa mistura é a polvora inventada pelos chinezes. Faça com ella uma pequena pyramide sobre a tampa da lata, afaste o rosto e accenda, approximando um phosphoro do vertice da pyramide.

O azotado de potassio chama-se salitre, e a massa gazosa produzida tem um volume cerca de 1.500 vezes o primitivo; isso explica os violentos effeitos mecanicos de que a polvora é capaz.

Accenda o estopim preparado na aula anterior e observe o que se passa. Faça nova polvora addicionando meia medida de chloreto de sodio, accenda e note a coloração da chamma. Repita a experiencia usando em vez do chloreto de sodio, duas medidas de zinco, que vou distribuir.

Passemos á segunda parte dos programmas de hoje.

Instrucções: — Deixe cahir sobre um pedaço de papel uma gotta de glicerina, espalhe esse liquido, muito conhecido, convenientemente, e segure o papel na mão. Deixe cahir depois dos bordos para o centro, gradativamente, o composto existente nesse vidro, e que se chama, permaganato de potassio. Pulverise-o bem, antes de uzar, afaste o rosto e observe o que se passa.

A Professora explica o que é combustão, mostra as circunstancias que influem nos phenomenos chimicos e estabelece o

Questionario — 1 — Qual a coloração da chamma, quando se emprega o chloreto de sodio? 2 — Qual a coloração quando se emprega o zinco? 3 — Qual a acção do azotado de potassio sobre o barbante, transformado num estopim? 4 — A glycerina queima approximando um phosphoro? 5 — Qual a acção do permanganato de potassio com a sua grande energia oxydante? 6 — Qual é a coloração da chamma produzida por esse fogo chimico?

A classe toda, intensamente satisfeita com os resultados dos seus trabalhos experimentaes, responde ao questionario formulando algumas perguntas que a Professora, tambem satisfeita com o laboratorio organizado, responde alegremente. Valendo-se da oportunidade ella exalta as vantagens dos methodos activos, pelo aproveitamento e pela alegria trazida aos trabalhos, salientando o papel que elles exercem na escola nova.

Um menino exclama então: "Que bello, que bello, agora sou gente e posso ganhar a vida com a industria dos fogos de artificios".

Acrescentando — com graça — as bombas são da escola antiga, mas os pistoloës são da moderna — e a pyrotechnica sendo uma grande arte da actualidade com razão a escola nova não podia esquecê-la.

Uma grande risada de toda a classe não permittiu á Professora perceber a maldosa brincadeira do impertinente menino...

Perdõem as pessoas importantes que me honram nesta palestra com a sua preciosa attenção, o tempo roubado por esses assumptos aparentemente pueris.

Pareceu-me, entretanto, vantajoso reproduzir, embora pallidamente, o encanto das aulas primarias, quando são observadas as normas da verdadeira pedagogia. Sente-se nessas aulas, onde a auctoridade da vida revela toda a sua exuberancia, a espontaneidade no modo de pensar e agir, a curiosidade exaltando o gosto pelo trabalho, a actividade fecunda illustrando a intelligencia da creança e elevando seus sentimentos, de modo a preparal-a para exercer, mais tarde na sociedade, pela superior educação de suas faculdades, um posto de realce; e, quando não alcance esse posto, a, pelo menos, contribuir efficazmente para melhorar a comunidade, onde de modo cada vez mais accentuado se observará então a gran-

de lei da verdade, da justiça e do amor, que fala em cada um pela voz da consciencia.

Para conseguir esse resultado promissor, necessario porém se torna a observancia regular das prescrições, consagradas pelos brilhantes fructos colhidos na nova escola.

Apresentando a methodologia da chimica na escola primaria não quero dizer que as aulas serão dadas tratando exclusivamente dessa disciplina. No primeiro grau do ensino faz-se o estudo da natureza, nos seus sêres e phenomenos, abrangendo, opportunamente estudadas, noções de physica, chimica, biologia, geologia, geographia physica... A separação dessas materias em compartimentos é um tanto irreal aos olhos da criança, cuja tendencia é referir todos os factos e phenomenos naturaes, sejam geographicos, physicos ou biologicos, a uma unidade superior, a Natureza.

Nos velhos rudimentos do latim aprende-se, que alguns verbos transitivos, entre elles "ensinar" se empregam com um duplo accusativo, um de pessoa, outro de objecto.

"Magister grammaticam Johannem docuit".

(O mestre ensina grammatica a João).

Dentro dessa phrase podemos caracterizar tres phases da evolução pedagogica em busca de methodos — cada vez mais perfeitos — para que o mestre, realizando a sua nobilissima missão, consiga fazer o alumno aprender com a maxima eficiencia a materia leccionada, dando ao ensino um character sobremodo educativo.

No principio, toda a attenção era para o preparo do mestre, como oraculo pontificava indifferente, por vezes, ao objecto da lição e menos ainda ao aproveitamento do alumno.

Foi o tempo do "magister dixit".

Depois voltou a didactica a sua attenção tambem para a materia leccionada, continuando entretanto, em logar accessorio o alumno, severamente punido quando interrompia a lição para fazer perguntas, consideradas sempre inconvenientes.

Finalmente, com es methodos modernos de que foram precursors Motaigue, Frebel, Pestalozzi, Rousseau, Herbar, etc., passa o alumno, opobre João — aliás objecto directo na phrase latina — a occupar a posição primordial, dando a pedagogia hodi-

em igual atenção ao professor e á materia ensinada, combinados apropriadamente para a verdadeira finalidade do ensino.

Reconheceu assim a escola moderna — no seu conceito de escola activa — a necessidade de crear um meio educativo onde nada se impõe, mas onde tudo se dispõe para o alumno, exercendo as suas faculdades, sob a orientação do mestre, formar seu character, seu espirito e sua individualidade, como consequencia logica e immediata do ambiente, de calma, belleza, ordem e harmonia onde vive e trabalha.

O estudo da Natureza tem vantagens directas pelo contacto com a realidade, pelas experiencias que suscita, pelas relações numerosas que disciplinam o espirito infantil e pelas conclusões que provoca.

As sciencias da natureza têm seguido as phases; empirica ou qualitativa, quantitativa e propriamente scientifica e essas mesmas phases podem e devem ser observadas no seu ensino. Todos os esforços humanos desenvolvidos para vencer obstaculos podem ser devidamente apreciados, obrigando a criança a viver esses mesmos esforços, na conquista da verdade, e assim pelo methodo redescoberto crear a sua sciencia. O aparelhamento, tanto quanto possivel improvisado, suggerido pela imaginação é feito pela habilidade manual dos alumnos tem logar preponderante nos novos methodos didacticos.

Para realizar na escola primaria, que corresponde á phase empirica ou qualitativa da sciencia, todas essas condições essenciaes, criadoras no alumno de uma disposição para trabalhar e aprender, deve o mestre ter o seu curso secundario, normal, feito nos mesmos principios, e só assim será possivel a bõa orientação do ensino.

Com esse objectivo, organizei um curso de chimica, que faz parte da Bibliotheca de Educação Geral, fundada pelo saudoso Professor Heitor Lyra da Silva — o grande pedagogo — cuja obra tanto mais se admira quanto melhor se conhece.

São característicos dessa bibliotheca; dar ao ensino um cunho essencialmente nacional e objectivo; fazer a inducção predominar sobre a deducção e o raciocinio sobre a memoria; simplificar os programmas; empregar linguagem correcta mas sempre extremamente facil. O seu escôpo principal é concorrer para que o ensino elementar — não só para os alumnos de cursos primarios,

secundarios e profissionaes, mas tambem para os adultos que queiram melhorar a sua instrucção — tenha uma feição objectiva e caracteristicamente brasileira.

Modernamente a chimica — escrevi no prefacio do meu curso — é considerada um "training" na interpretação da evidencia, e por isso todas as boas escolas estão adoptando o ensino experimental "individualizado" porque assim cada alumno, com o seu pequeno laboratorio, trabalha, reflecte e aprende a interpretar os phenomenos qu eobserva e a tirar as conclusões por elles reveladas.

Grande é então o papel do professor que deve acompanhar o trabalho experimental e intellectual de cada alumno, esclarecendo as suas duvidas, e estabelecendo destarte o ensino individual numa aula collectiva. A generalização dos phenomenos verificados é feita seguindo a evidencia, sobre a qual ella repousa e deste modo do conhecimento experimental da chimica passam os alumnos gradualmente ao pensamento scientifico que a preside.

"Teachers should constantly bear in mind that the object is not wholly to teach chemistry, but to train the judgment of pupils, to make them careful observers and original thinkers".

Essas palavras de R. Williams synthetizam admiravelmente o papel educativo da chimica; ella não visa, então, exclusivamente formar profissionaes, mas preparar observadores cuidadosos e pensadores originaes.

Nesse curso hoje iniciado, seguirei o livro com o respectivo laboratorio, que organizei a convite de Heitor Lyra, e nessas condições, a proxima aula já não será mais de palavras mas sim de factos; não será mais uma prelecção, mas uma execução individual de trabalhos experimentaes.

Com a cultura adquirida nesse curso secundario de chimica poderão os professores multiplicar, indefinidamente, de accôrdo com os exemplos apresentados, as suas aulas praticas de escolas primarias, aproveitando todas as oportunidades para bem iniciar a formação do espirito investigador das crianças.

Nesse curso de chimica, approvedo pela Directoria de Instrucção do Estado de São Paulo, adoptado com successo em muitos estabelecimentos de ensino e applaudido com elogiosas referencias por eminentes pedagogos estrangeiros como Ferrière, D'Ovidio.

Sarlas, Marchau, Pinochet, Le Brun e outros, e emeritos educadores nacionaes como Lysimaco Costa, Arnaldo Barreto, Aprigio Gonzaga, Silva Fontes, P. Zacharias Góes, José Piraigibe, Pedro Pinto, José Rangel e outros, nesse curso de chimica, applicação integral de methodos activos, o ensino é proposto sob a fórmula de problemas, deixando ao alumno a liberdade de satisfazer ás suggestões da sua imaginação.

Nesse curso não procurei dar ao alumno — como pretende Ym tantas vezes ainda os programmas de certas escolas antigas — a falsa noção de que foi esgotada a materia. O campo da sciencia é ilimitado e quanto mais se sabe mais se verifica o que falta saber.

Mostremos sempre — na qualidade de professor — a infinita grandeza desse campo, onde muito se tem conseguido, para honra do espirito humano, mas o de muito ainda está por fazer.

Ensinemos, pois, aos nossos alumnos, na contemplação tranquilla dos phenomenos simples e complexos de todos os dias, a admirar como é rica a atureza e pequeno relativamente, o homem; este poderá todavia se elevar e se tornar grande por um esforço proprio, oriundo de uma educação bem orientada.

Essa contemplação os tornará modestos e trabalhadores, cheios de confiança na immensa obra de aperfeiçoamento scientifico que realiza a humanidade, como a brilhante intelligencia outorgada pela omnipotencia e omniscencia do Divino Criador!

A EDUCAÇÃO SEXUAL NÃO ATENTA CONTRA A MORAL CATHOLICA

O "Movimento Social Brasileiro" — instituição dirigida por elementos eminentemente cathólicos, em cujo conselho consultivo se encontra mesmo um padre, talvez o mais culto ornamento do clero brasileiro e um frade, que sem favor algum, é um dos mais polymorphos espiritos, que espargem o brilho de seu talento nas cellas dos monasterios brasileiros—, annunciou para breve a realização de "Cursos de Educação Sexual" o que vem provar que os cathólicos e os jornaes filiados á sua corrente, estavam mal avisados, quando por occasião da fundação do Circulo Brasileiro de Educação Sexual e dos "Cursos Populares de Sexologia", entraram a nos combater, allegando que taes cursos attentavam contra a moral catholica.

Fizemos publicar por este motivo no numero de est-éa deste Boletim um topico referente a este assumpto, e que me hão de permittir reproduzill-o aqui e no qual tornámos patente que a Igreja Romana, não combate a educação sexual.

Quando ainda conego, Verdier, posteriormente cardeal-arcebispo de Paris, assim se exprimiu por occasião do "VII Congresso Nacional da Associação do Casamento Christão", a respeito da Educação Sexual, segundo se refere Baudry de Saunier, no seu livro "Education Sexuelle":

"Deixaremos ao insincto — sujeito muita vez a influencias criminosas—, o cuidado de revelar os mysterios da vida e os deveres que ella nos creou?

"Seria doloroso e humilhante para nossa pobre humanidade, sustentar, que o dominio onde brotam as fontes da vida, é o unico

que deve permanecer fechado a todo progresso pedagógico e mesmo científico.

“Nós cremos que as iniciações claras, feitas com o tacto necessário, devem ser consideradas como uma obrigação grave, que se impõe em nome da caridade e mesmo da Justiça”.

Os conceitos acima, expressos por Verdier quando ainda conego, não lhe fizeram desmerecer, no conceito das altas autoridades da Igreja, a prova está, que ascendeu posteriormente os diversos graus da hierarchia ecclesiastica, chegando a ser o cardeal-arcebispo da cidade de maior projecção no mundo: Paris.

Si os seus pontos de vista fossem contrarios aos pontos de vista da Igreja, o cardeal Verdier não seria elevado a tão alta dignidade ecclesiastica, porque a Igreja não haveria de arriscar a estabilidade de suas doutrinas, entregando a purpura cardinalicia a quem anteriormente já houvera dado provas de não estar em condições de recebê-la.

A Igreja, por conseguinte, como se vê deste simples facto, não combate a educação sexual; antes, a prescreve.

Não satisfeitos com os esclarecimentos que por todos os meios nós lhes procuravamos dar, relativamente a este assumpto, que por ignorancia certamente andava sendo malbaratado, muitos jornaes catholicos no afan de nos fazerem calar, esquecendo-se até, de que têm, por obrigação, de ser limpos na linguagem, entraram a se soccorrer de termos soezes, com que polluiam as vistas de seus leitores, sem que conseguissem nos afastar de nossa rota.

Hoje são os proprios catholicos que os desmentem, annunciando para breve “Cursos de Educação Sexual”.

Estou certo que os pontos de vista que os dirigentes destes Cursos irão defender, sob muitos aspectos não se coadunarão com os nossos, pois nossos argumentos são calcados em factos scientificos, verificados até o anno em que o curso é dado: 1933, no do anno passado, 1934, no que vae ser realizado no anno corrente; ao passo que os argumentos a serem invocados pelos que dirigirão os cursos do “Movimento Social Brasileiro” certamente serão os mesmos de que se soccorriam os catholicos de tres, quatro ou cinco seculos atrás.

Fundado o seu curso após o nosso, os seus intuitos não poderão ser senão dois: secundar-nos na nossa tarefa ou combater nossos argumentos, para impôr os seus,

A primeira hypothese não será de facto a que os moveu a instituir taes Cursos, porque todos nós sabemos qual a orientação catholica neste assumpto.

Ficará de pé por conseguinte a segunda hypothese, e si é com esse intuito que os fundaram, desde já nos compromettemos destruir seus argumentos, um a um, si o seu professante, que não sei quem irá ser, não fugir ao dever moral, de corresponder ao apello que ora lhe dirijo, de remetter-me a copia de suas palestras á proporção que as mesmas forem sendo pronunciadas

Uma coisa podemos concluir de tudo isso: os catholicos estão começando a se desentender; e, de duas uma: ou os jornaes catholicos estavam em erro, quando combatiam os "Cursos de Educação Sexual", ou os catholicos que dirigem o "Movimento Social Brasileiro", estão em erro, instituindo-os.

Elles, que discutam entre si, de que lado está a verdade, e emquanto isso, vamos continuando a nossa tarefa, porque estamos certos de que, dia virá, em que todos elles formarão nas nossas hostes

DR. JOSE' DE ALBUQUERQUE

A CHIMICA NA ESCOLA ACTIVA

Conferencia do Dr. C. A. Barbosa de Oliveira, para cujos ensinamentos o Departamento de Instrução chama a atenção do professorado bahiano.

SUMARIO — Methodologia de ensino nos cursos elementares — Modelo de laboratorio improvisado por alumnos de aula primaria, com algumas experiencias por elles realizadas — Normas didacticas para aula secundaria, sempre com o trabalho pratico e individual dos alumnos e caracter francamente educativo.

“Mettez toutes les leçons des jeunes gens en action plutôt qu'en ciseaux qu'ils n'apprennent rien dan les livres de ce que l'experience peut leur enseigner”.

ROSSEAU EMILE.

O estudo das sciencias da natureza é, com razão, considerado fundamental, pelo seu caracter altamente educativo.

Essa sciencia, mais que outras disciplinas, permite o trabalho individual do alumno, e portanto a applicação dos methodos activos.

Com a observação, a intuição, e a experimentação ellas cultivam a intelligencia, exercitam os sentidos estimulando a iniciativa e despertando todas as actividas, manuaes e intellectuaes, que transformam a criança, aproveitando inicialmente suas faculdades e preparando-a, gradualmente, para o grande problema da vida.

As sciencias da natureza convidam a agir, ensinando á investigar e concluir de accordo com as indicações de factos concretos directamente observados.

O papel dessas sciencias, desde a escola primaria, é de particular destaque, pelo contacto com a realidade e pela collaboraçãõ que a criança começa immediatamente a offerecer, pondo sua actividade a serviço, pela curiosidade despertada, da sua propria educaçãõ.

Na escola secundaria não é menor a parte reservada a essas sciencias na illustraçãõ da intelligencia do alumno, mas ainda principalmente na acquisiçãõ do habito salutar do trabalho pessoal, na confiança valiosa no seu proprio esforço, na formação imprescindivel de seu character, do seu gosto e, finalmente, no sentimento da sua responsabilidade para com o meio onde deve agir e viver!

De accordo com a corrente moderna da verdadeira pedagogia scientifica, o ensino deve sempre ter a norma de um methodo de cultura, onde o alumno é a rica materia prima, é o factor predominante a ser, sabiamente, utilizado para a futura grandeza social. O alumno será um elemento da sociedade de amanhã, e com essa idéa a escola o prepara, fazendo-o forte nas suas convicções, recto nas suas intenções, e capaz na sua actuação em prol dos grandes ideaes da collectividade humana!

Nesses termos, precisa o Professor, desde o jardim da infancia, respeitar nos alumnos a sua individualidade, que deve ser guiada para o maximo aproveitamento das suas faculdades, mas nunca subjugada por conceitos ainda não comprehendidos, e muito menos por preconceitos summariamente impostos.

As crianças — disse Spenser — são instinctivamente naturalistas; aproveitemos, pois, essa tendencia valiosissima para realizar uma grande parte da finalidade educadora da escola, no ensino das sciencias da natureza, consideradas em seus dois aspectos, intimamente ligados, o descriptivo de seres, e o descriptivo de phenomenos.

O papel dessas sciencias na escola activa é relevantissimo, não propriamente como descripção de seres e phenomenos, mas como instrumento de educação. Com esse objectivo, porém, o ensino tem de obedecer ás sabias prescripções, que emprestam á pedagogia moderna seu indiscutivel prestigio.

Estabelece a methodologia o que deve ensinar o mestre, e como deve ser feito esse ensino, eu diria, de preferencia, o que deve aprender o alumno, e como deve elle "aprender a aprender".

Essa formula — *aprender a aprender* — é mais precisa, e melhor traduz a directriz da escola moderna, preconizando os meios activos, onde o alumno — convenientemente guiado e esclarecido pelo mestre — aprende por si.

Figuremos o modelo de algumas salas de escola primaria, onde com a collaboração dos alumnos e a competencia da professora se improvisa, praticamente sem despesa, um pequeno laboratorio de chimica. Todos cooperam, entusiasticamente, na organização desse laboratorio, uma vez despertado o interesse e estimulada a curiosidade.

A chimica é para as crianças a mais fascinadora das sciencias; suas experiencias explicam facilmente certos phenomenos da natureza, produzem liquidos bellamente coloridos, gazes cheirosos, podendo determinar tosse e até asphixia; produzem ainda, sem gêlo e sem fôgo, abaixamento ou elevação de temperatura, provocam explosões, fazem, enfim, mil maravilhas, tudo contribuindo para agradar ao espirito curioso dos alumnos, despertando-lhes o gosto pela pesquisa e o habito de investigar, reflectir e interpretar os phenomenos observados.

AULA PRIMEIRA

A professora — no correr da sua lição verifica a oportunidade, sempre aconselhada na orientação moderna do ensino, de mostrar aos seus alumnos concretamente a differença entre os phenomenos physicos e chimicos.

Para esse fim, precisamos — diz aos seus discipulos — organizar um pequeno laboratorio, que iremos gradativamente ampliando para attender ás nossas aspirações scientificas.

Como improvisar, por exemplo, uma lampada de alcool — É facil, diz um alumno, fechando um vidro com uma rôlha atravessada por uma torcida, e accendel-a, depois de collocado o alcool no vidro.

— Sim, mas como furar a rôlha, e como se deve protegel-a para que a chamma não inutilize rapidamente a lampada improvisada?

— Para furar a rôlha, diz uma criança, basta um sacca-rôlhas.

— Não fura direito, acrescenta outra criança, é melhor empregar um prego querte, como eu já vi fazer.

— Muito bem diz a professora, mas como proteger a rôlha?

— Cortando uma rodinha de folha de lata de biscoito, do tamanho da bocca do vidro.

— Fazendo um orificio no centro da rodinha, ou, antes, cortando, se a folha fôr fina, um círculo que dê passagem à torcida.

— Mas onde encontrar essa folha da lata mais fina, e como proteger também o furo da rôlha por onde passa a torcida?

— O furo é um cylindro — diz uma menina — e o cylindro aberto é um retangulo, basta portanto cortar esse retangulo na folha e enrolar dentro do furo.

— Exatamente, pondera a professora, você aproveitou as lições de geometria; mas onde achar a folha de lata, que se pôde cortar com tesoura e como se poderia fazer a torcida?

— Um pequeno responde, em lata de biscoito eu sou "doutor", a folha que vem soldada e que arranca para poder tirar o precioso alimento, é muito fina e permite recortar com tesoura a forma desejada.

— A torcida, nós aprendemos a fazer na aula de trabalhos manuaes, com barbante de algodão, lembram diversos meninos.

— Acrescenta então a professora, falta-nos agora o vidro de bocca larga para ficar estudada a lampada de alcool.

— Serve um vidro de "crystal japonéz"? pergunta outra alúma que, certamente, dava dores de cabeça á sua mãe.

— Serve, admiravelmente, responde a mestra, apenas precisamos num meio de evitar que o alcool se evapore quando a lampada estiver apagada.

— Neste caso, tira-se a rôlha com a torcida e fecha-se o vidro com uma rôlha "sem complicações", responde, maliciosamente, um pequeno que nada havia dito até então.

— Aceito a idéa, e um outro vidro de crystal japonéz, vasio e limpo, poderá servir de calice para as nossas experiencias. Mas para guardar o nosso material — acrescenta ainda a professora, precisamos fazer, na aula de trabalhos manuaes, uma caixa de papelão com tampa e com a forma de um paralelepipedo, com cerca de 15 cm. x 10 cm. de base, e 7 cm. de altura. Dentro dessa caixa, transversalmente, collocaremos uma estante feita também

de papelão, para collocar 3 tubos de vidro, darei na proxima lição. A estante deverá ter tres orificios com 19 mm. de diametro, approximadamente, para nelles collocarmos, na occasião das experiencias, estes tubos de vidro, chamados "tubos de ensaio".

Terminada a lição, pede a mestra que todos tragam, para a proxima aula, dentro das caixas, a estante que devem fazer tambem na aula de trabalhos manuaes, a lampada, o vidro de crystal japonéz para servir de çalice, um pegador dos empregados pelas lavadeiras para segurar a roupa na corda, uma caixa de phosphoros, uma toalhinha quadrada com cerca de um palmo (de lado) e seis vidros pequenos, um com sal de cozinha, outro com açucar e os demais vasios.

Todos devem ainda collocar na caixa um pequeno rotulo — artistico — com o seu nome e o seu numero de ordem na classe.

Para tirar o sal, o açucar, etc., dos vidros, precisamos de uma colherzinha de medida, podendo, servir uma lamina de metal; deixo á imaginação de cada um essa pequena peça do nosso laboratorio, diz a professora encerrando a lição.

SEGUNDA AULA

As crianças chegam á escola alegres, cada uma com o seu pequeno laboratorio improvisado, de accordo com as suggestões apresentadas e com a sua imaginação mais ou menos fertil.

Impacientes esperam a hora da aula.

A mestra, começando a lição, satisfeita com o interesse despertado nos seus alumnos, examina os trabalhos realizados, de conformidade com as instruções anteriormente dadas.

As caixas com as estantes, feitas na aula de trabalhos manuaes, revelam o gosto e o cuidado de acabamento característicos de cada alumno. O menino "doutor em lata de biscoito", trouxe seu laboratorio, numa pequena lata de biscoito, approximadamente com as dimensões pedidas: a estante, como as demais, feitas em papelão.

Para servir de medida, e tirar o conteúdo de cada vidro a idéa do filho de um pharmaceutico — já se vê — foi uma serriha de caixa de injeção; e elle se encarregou de fornecer essa peça aos collegas.

A professora applaudiu o acto do alumno, servindo a collectividade escolar dentro de sua aula, e elogiou a idéa, mormente vendo a utilidade da serrinha em cortar tubos de vidro, de que mais tarde precisa o laboratorio ser dotado para certos deprendimento de gazes. A medida será a porção, approximadamente igual, que cabe na ponta da serrinha.

Iniciemos os nossos trabalhos experimentaes e para isso vou distribuir enxofre e ferro: o primeiro é esse pó amarello, que vocês conhecem de vista, e o segundo, sob a fórmula de limalha, é esse pozinho preto. Traga cada um dois vidros vãos para receber esses dois corpos necessarios ao primeiro trabalho. Vou collocar alcool na lampada e dar tambem tres tubos de vidro para cada laboratorio: esses tubos de ensaio supportam o fogo, pois são feitos de um vidro especial.

Cada um tome nota, em um caderno destinado sómente ás aulas de chimica, continúa a professora, do "*Primeiro problema pratico*" que vamos fazer para illustrar a differença entre phenomenos physicos e chimicos.

Instrucções: Misture intimamente quatro medidas de limalha de ferro, com quatro de enxofre em pó, collocados ambos sobre uma folha de papel. Compare a mistura com os dois elementos primitivos, e procure separar o ferro do enxofre, por meio de um iman, passando este iman por baixo do papel.

Misture novamente o ferro com o enxofre, collocando essa mistura num tubo de ensaio — Accenda a lampada de alcool, aqueça, observando a cor escura que toma a massa. Enquanto quente, bata levemente no fundo do tubo para soltar a massa das paredes e assim retirar o composto obtido.

Note, em seguida, a impossibilidade de fazer a separação dos dois elementos primitivos, pelos meios ordinarios, em vista da "combinação" que teve lugar. Guarde depois num vidro o composto, collocando num pequeno rotulo o nome "sulfato de ferro".

Cada alumno, individualmente, com o seu laboratorio, executa o que determina essas instrucções, servindo-se de um iman que a professora emprestou, e responde, depois dos esclarecimentos e explicações por ella dados, em presença dos factos concretos observados ao seguinte

Questionario: — Podem ser separados os dois elementos,

ferro e enxofre, antes do aquecimento 2 — E depois do aquecimento, conservam elles as suas propriedades primitivas? 3 — A mistura é um phenomeno chimico? 4 — Porque? 5 — É a combinação é um phenomeno physico? — 6 Porque?

Para a proxima aula tragam uns pedaços de marmore, e eu darei uma pequena capsula — não pensem que é remedio — trata-se de uma peça para augmentar o aparelhamento dos nossos trabalhos.

TERCEIRA AULA

Anciosos esperam os alumnos a nova occasião de trabalhar com os seus laboratorios. Chegou, finalmente, o dia e a Professora dando as capsulas prometidas distribue um pequeno pedaço de fita de magnesio e de fio de chumbo, ditando, para realizar o segundo problema pratico, as seguinte.

Instrucções: — Segure com o pegador o fio de chumbo, que é um fio fusivel usado em installações de luz electrica, e aqueça na lampada de alcool, observando o que se passa. Segura depois com a pinça, isto é, com o pegador, a fita de magnesio que apropriada da chamma arderá com luz brilhante, convertendo-se em um póbranco. Recolha esse pó, que se chama oxydo de magnesio, em uma folha de papel e compare á fita primitiva.

Após alguns esclarecimentos, respondendo a perguntas de varios alumnos, a mestra da o seguinte

Questionario: — 1 — Aquecendo o fio de chumbo, o que observou? 2 — Foi um phenomeno chimico? 3 — Que alteração soffreu este metal quando esfriou? 4 — Foi um phenomeno physico o facto observado com a fita de magnesio? 5 — Porque?

O Terceiro problema pratico teve como:

Instrucções: — Colloque duas medidas de sal de cozinha, que se chama "chloreto de sodio", em um tubo de ensaio, com meia altura da agua e depois sacuda até desaparecer o sal. Filtre e evapore o liquido collocando-o na capsula e aquecendô-o na lampada de alcool.

Colloque noutro tubo de ensaio, depois de reduzido a pó, um pedaço de calcio, e addicione agua até meia altura. Sacuda, convenientemente, aqueça e note o que se passa. Em seguida, filtre,

observe o corpo retido pelo filtro, e evapore o liquido, pondo-o na capsula, e aquecendo-o na lampada de alcool.

A professora ensina a dobrar o papel filtro, explica certas operações, usadas na chimica, como a solução, a filtração, etc., e estabelece o

Questionario: 1 — O desaparecimento do sal de cozinha é devido a um phenomeno physico ou chimico? — O que apparece na capsula quando se evapora a solução do sal? 3 — O marmore é solúvel em agua, frio ou quente? 4 — O que apparece no filtro quando nelle se passa o conteúdo do segundo tubo de ensaio? 5 — O que fica na capsula depois de evaporado o liquido desse segundo tubo?

QUARTA AULA

O Quarto problema pratico teve como:

Instrucções: Colloque em um tubo de ensaio cerca de dez medidas de açúcar e agua até a altura occupada pelo açúcar; em seguida approxime o tubo da lampada, usando a pinça, até dissolver o açúcar. Esfrie o tubo e prove uma gotta. Divida, depois, o liquido em duas partes. Collocando metade em outro tubo de ensaio.

a) No primeiro tubo dilua, novamente, a solução, dobrando o volume de agua, sacuda fortemente o tubo, tapando-o com o dedo pollegar. Prove outra gotta dessa solução, notando a extrema divisão das particulas do açúcar.

b) No segundo tubo, addicione, aos poucos, acido sulfurico, até a substancia mudar de côr. Segure o tubo, com a pinça, aqueça, com cuidado, afastando-o e approximando-o da chamma. Observe a côr e o cheiro, mas não prove.

A professora deu o vidro de acido sulfurico, reactivo muito importante na chimica, recommendando collocar esse acido, gotta a gotta, no tubo de ensaio. E depois de explicar a divisibilidade que se observa na primeira parte da experiencia, ensina que o açúcar é composto, onde se encontra carbono e agua, e chama a attenção para a elevação da temperatura que se manifesta no tubo, em virtude da grande afinidade daquelle acido pela agua. Em virtude dessa afinidade, separa-se o carbono, que é uma substancia preta, semelhante ao carvão. Apresenta então o seguinte.

Questionario: 1 — Que phenomeno observou na primeira phase da experiencia? 2 — O que observou na segunda, foi um phenomeno chimico? 3 — O açucar foi decomposto? 4 — Qual é a substancia preta que appareceu? 5 — Póde-se então na Chymica ir além da divisão alcançada na Physica?

Os alumnos, como sempre, escrevem as instrucções e o questionario nos seus cadernos, e respondem ás perguntas, de accordo com as observações por elles feitas.

A professora corrige as respostas e pede para a proxima aula uma moeda de cobre, um vintem, o que já não é facil de achar nos tempos que correm. Manda limpar os tubos e como medida de ordem permanente cada um arrumar o seu laboratorio.

QUINTA AULA

Trouxeram os vintens? — indaga a mestra ao chegar perto da turma, onde reinava um profundo interesse pelos estudos experimentaes, com tanto successo iniciados nas aulas anteriores. Sim, foi a resposta geral.

— Certamente estas moedas estão sujas, e precisamos limpá-las, como faremos essa operação?

Em casa — disse um menino — a cozinheira limpa o tacho de cobre com sal e vinagre; com sal e limão, emendou uma pequena, é como eu tenho visto.

Ambos tem razão, embora sem saber a razão do facto observado, o que a professora explica, mandando, todavia, para maior facilidade, limpar a moeda com ammoniac. Para isso determina que colloquem o vintem na capsula e sobre elle deixem cahir esse reactivo muito conhecido pelo seu cheiro caracteristico. Deste modo desaparecerá o azinhavre, existente sobre a moeda, deixando-a inteiramente limpa. Isso feito, dá para o "*Quinto problema pratico*" as

Instrucções: Colloque o sulfato de ferro, preparado na segunda aula pratica, num tubo de ensaio e addicione acido sulfurico diluido. Limpe a beira do tubo, cobrindo-o depois com a moeda de cobre. Observe a reacção que tem logar no interior do tubo e ao cabo de uns cinco minutos tire a moeda, notando a marcha preta, occasionada pelo gaz sulfidrico que se desprende. Essa

mancha preta é o sulfato de cobre que se formou em consequência do ataque do metal pelo ácido sulfídrico, que é um gaz.

A professora em vista dos conhecimentos experimentaes adquiridos, explica a differença entre corpos simples e compostos, estabelecendo o

Questionario: — 1 — Quaes os corpos simples que conhece? 2 — Quaes os compostos, encontrados até agora em nossos estudos? 3 — Qual o cheiro do gaz que se desprende? 4 — Qual a acção que esse gaz teve sobre a moeda de cobre? 5 — Qual a coloração do composto "hydrato de cobre" que a ammonia produziu quando limpou a moeda de cobre?

Os alumnos, tendo registado o quinto problema pratico nos seus respectivos cadernos, respondem ás perguntas, e tratam de limpar o material de trabalho para guardar os seus laboratorios.

SEXTA AULA

Começamos preparando o tubo do desprendimento, necessario ao "*Sexto problema pratico*", o objecto da nossa lição de hoje.

Para esse fim vou distribuir uma rôlha e um pedaço de tubo de vidro, proprio para ser quebrado e afilado em ponta. Para cortar esse tubo, empregaremos a serrinha de ampola de injeccão, que está servindo de medida, desde a primeira experiencia.

Mostra a professora como se faz o tubo diminuir, gradativamente de diametro para preparar a ponta como se dobra no outro extremo, perto da parte que deve ser introduzida na rôlha. Mostra, depois, com uma lima redonda, o modo de furar a rôlha no diametro certo, e manda cada um proceder analogamente com o objectivo de apromptar o tubo do desprendimento.

Ensina a reconhecer se uma solução é acida ou alcalina por meio de papel de Tournesol azul e vermelho empregando o ácido sulfurico, a ammonia e o sa de cozinha.

Precisamos, agora, de uma bagueta de vidro para, agitando certos corpos dentro dos liquidos, facilitar o preparo de uma solução. Como arranjar essa bagueta?

Após um pequeno silencio, acode um menino, eu arranjo facilmente, não um, mais dois bastões de vidro, na mesa da directora da Escola: com licença, vou buscá-los. Sahe e volta com a caixa de "eureka", recurso muito conhecido dos alumnos que

costumam errar quando escrevem e borram com tinta os seus livros.

Magnifica idéa, pondera a mestra, desde que elles sejam convenientemente lavados.

Dita, em seguida, para o trabalho pratico a ser realizado, as

Instrucções: — Produza, semelhantemente ao problema anterior, acido sulfidrico, e com o tubo de desprendimento faça passar a corrente gazosa pelo calice, com agua e depois por uma solução de sulfato de cobre collocado num tubo de ensaio. Antes de preparar a solução do sulfato de cobre com os crystaes azues que vou distribuir, aqueça numa capsula de porcellana esses crystaes: observe o que se passa, addicione uma gotta d'agua e em seguida dissolva os crystaes no calice, agitando com a bagueta de vidro. Colloque metade da solução em um tubo de ensaio, addicione um pouco d'agua e faça por meio do tubo de desprendimento, nella passar uma corrente de gaz sulfidrico. Na parte da solução que ficou no calice mergulhe uma agulha de ferro bem limpa. Retire a agulha e note o cobre metalico que sobre ella se depositou, ao mesmo tempo que a côr da solução se alterava em consequencia da troca dos metaes. Lave o calice e filtre o conteúdo do tubo de ensaio, separando assim o precipitado obtido com a corrente do acido sulfidrico: esse precipitado é o sulfato de cobre.

A professora distribue para cada laboratorio, algumas folhas de papel de tournesol vermelho e azul, manda proceder á experiencia, de accordo com as instrucções e responder ao

Questionario: — 1 — Qual a acção da corrente de gaz sulfidrico sobre agua? 2 — Qual a acção sobre a solução de sulfato de cobre? 3 — Aquecendo na capsula os crystaes de sulfato de cobre, o que observou, como consequencia da evaporação da agua existente nestes crystaes? 4 — Que côr tomou a solução de sulfato de cobre quando sobre a agulha de ferro, se depositou o cobre da solução em que esteve mergulhada? 5 — Qual a causa dessa mudança de côr? 6 — Que côr tem o corpo retido pelo filtro e qual o seu nome?

A CRIANÇA E A MENTIRA

Quand je fus en age de comprendre, ma mère me dit un jour: "S'il t'arrive de faire quelque sottise lorsque tu seras tout seul, recontelá moi bien vite, dès mon retour" tu seras toujours pardonné — après avoir été un peu grondé, pas beaucoup; je serai si heureux de voir que tu n'est pas un petit menteur!" Ces paroles m'impressionnèrent beaucoup. Et j'ai toujours obéi à cette demande bienfaisante. — JEAN AICARD.

Conta-se que George Washington, quando adolescente recebera de um parente uma machadinha, com que se divertia, nas horas de recreio, em trabalho de jardinagem. Numa certa manhã o futuro presidente da União Americana experimentou a sua afiada machadinha numa laranjeira, que já estava com alguns fructos, e o seu pae, que tinha uma certa predileção pelas laranjeiras, quiz logo saber o autor daquelle delicto. Excusaram-se todos os seus empregados, e elle chamou o filho, dirigindo-lhe as seguintes palavras: George, conheces o culpado? eu quero punil-o de modo que nunca mais elle se atreva a repetir aquella grave falta''.

O menino treneu diante daquellas phrases e resolveu confessar a verdade.

Abraçou-o, commovidamente, o velho pae, e porque o filho não tivesse mentido, perdoou-lhe a travessura, exhortando-o, ainda, a nunca mentir.

Aquelle episodio jamais desapareceu da memoria do inçlyto organisador da independência americana, que narrou a varias pes-

soas da sua intimidade, para que educassem seus filhos, naquelles principios de amor á verdade, que constituem um excellentemethodo pedagogico.

Realmente, quem ha lidado com meninos, não desconhece que existe, em muitos delles, uma tendencia a mentir, a qual é aggravada pela ausencia de educação religiosa; logo, impõe-se aos seus paes e mestres não lhes darem, nunca, exemplos de mentira, os quaes enfraqueceriam a sua autoridade. E' preciso, portanto, convencer á criança, que a mentira é um vicio de funestas consequencias, do qual lhe cabe fugir, horrorizada, como daquellas enfermidades, que inspiram pavor e repugnancia, e, se a criança se apercebe, ainda, de que Deus conhece os nossos designios, as nossas acções, então ella preferirá sujeitar-se a grandes castigos do que esconder os seus erros. E, educado naquelles sadios principios, que lhe vão fortalecendo o character, de modo a não se deixar fascinar pelos interesses subalternos, o menino torna-se incapaz de mentir, mesmo para se furtar á acção da justiça, ou para adquirir proveitos; suas palavras podem ser criadas por todos e as suas affirmações terão o valor de uma escriptura, porque os seus proximos sabem que seus labios não se abrirão jamais para pronunciar falsidades.

É certa, outrosim, de que a verdade, longe de leval-o a uma punição severa, lhe assegurará o applauso das consciencias limpidas, o collegial será, sempre, sincero nas suas declarações e assumirá a plena responsabilidade dos seus actos. Si, porém, não se lhe combater o perçor para mentir, elle ficará com um character pusillanime, e, na sociedade em que se estabelecer, não será jamais, um elemento do seu engrandecimento moral, uma vez que, o habito de occultar a verdade dos factos, que presenciou, tornou-o incapaz de attitudes nobres. E crescendo num ambiente de enganos e de engodos, a criança não acreditará, tambem, no prestigio da honestidade; e a mentira, será aos seus olhos, erbaciados pelas scenas infamantes, que ha contemplado, a unica arma efficaç de triumphar na vida.

Convém lembrar ao menino que o mentiroso é alvo constante do remoço ferino dos seus semelhantes, os quaes, num movimento de legitima defesa, não darão as suas asserções a menor importancia, nem attenderão, outrosim, aos seus pedidos, mesmo que esses sejam de premente necessidade.

Aristoteles costumava dizer que o maior castigo do mentiroso é não ser acreditado, mesmo quando a verdade lhe aflora aos lábios, e, o mentiroso, porque pode ser assemelhado a um título de uma companhia desconceituada, é desprezado por que não desconhece a serie de prejuizos, oriunda da convivencia com aquella casta de seres, sempre apta a obstar o conhecimento da verdade.

A criança não deve ser escondida a messe de inconveniente, defluentes do detestavel vicio da mentira, que avilta o caracter e compromette a tranquillidade publica, deve-se-lhe, ao contrario acostumar-a a ser firme nas suas convicções e sincera nas suas declarações, para que possa exigir dos seus concidadãos o maximo respeito ás suas opiniões. Duas coisas, refere Xenophante, eram ensinadas aos persas: atirar o arco e dizer a verdade, saber atirar o arco, dava aos jovens persas o meio de defender a patria contra as investidas dos inimigos, dizer sempre a verdade afigurava-se aos guerreiros a melhor garantia da ordem interna e da paz com os outros povos.

No cerebro dos mentirosos não se aninham robre ambições; e o coração dos mentirosos oscilla entre os sordidos interesses; por conseguinte, mister se faz que se arrede o menor da mentira, como se o subtrahе ás influencias phisicas ou moraes, que possam prejudicar a sua segurança e cnerar os orçamentos da nação com as sommas, destinadas a manença de reformatorios e hospitaes. Deve-se combater a mentira, no lar e na escola, como se combatem aquellas terriveis molestias, que despoam cidades florescentes, e espalham a angustia, no seu meio, pois, da mentira só surgem males gravissimos que infelicitam os individuos, despojando-os predicados elevados e arrastando-os á pratica de acções condemnaveis.

A criança, habituada na escola da verdade, será, quando attingir á plena virilidade, um perfeito collaborador do progresso da sua nação, nunca substituirá a verdade, qualquer que sejam as consequencias da sua conducta, para agradar a ninguem, suas palavras serão, sempre, a manifestação sincera do que viu e que não pode ser adulterado.

ALFREDO BALTHAZAR DA SILVEIRA

O INCENDIO DO PALACIO REAL

DAS "HISTORIAS DE VÔVO" (*)

Vôvo Indio, como vocês viram, veio do céu visitar os seus amiguinhos do Brasil.

Os meninos e meninas que foram bonsinhos o anno todo e se lembraram de Vôvo Indio, receberam a sua visita na noite de Natal.

E vocês sabem que ama visita de Vôvo Indio quer dizer lindos presentes, — briquelos, balas, roupinhas novas...

Terminadas as festas, disrituidas as prendas, tendo Vôvo Indio matado as saudades dos seus patricios, resolveu voltar para o céu. Já estava de malas promptas, quando pensou: — "que ingraticão, — ia-me embora sem ver os bichos da floresta, de quem sempre recebi provas de amizade..."

E como ainda tivesse tempo, partiu para o interior e embrenhou-se no mato. Não custava nada, e era sempre bonito despedir-se dos antigos companheiros.

Porque Vôvo Indio, antes de ir para o céu, vivia na selva e era amigo de quasi todos os animaes. Não de todos, porque ha alguns que são máus, e a esses Vôvo Indio nunca perdoou.

Temos, por exemplo, a cobra que morde a gente e deixa o veneno na ferida. Vocês sabem muito bem que mordedura de cobra é uma coisa terrivel e que a pessoa mordida morre quasi sempre, a não ser que lhe deem uma injeção de soro anti-ophidico. Ophidico vem de ophidio, — a cobra é de ordem dos ophidios. Anti, quer dizer — contra. Assim, soro anti-ophidico vem a

(*) O professor poderá ler ou mandar que um dos alumnos leia esta historia e outras, que a literatura infantil tem espalhado, como exercicio e enriquecimento da linguagem e da imaginação.

ser sôro contra as cóbras, isto é, — uma injeccão para combater mordedura de cobra.

Esse sôro é preparado em varios laboratorios, sendo o mais importante o de Butantan, em São Paulo, que é o primeiro instituto anti-ophidico do mundo.

Além da cobra, existem outros bichos ruins, com os quaes Vôvô Indio não quer negocio.

Mas ha numerosos bichos bons, muito camaradas de Vôvô Indio. Com esses é que elle foi dar uma prosa, antes de seguir viagem.

Vocês não imaginam a manifestação que os bichos fizeram quando Vôvô Indio chegou. O macaco, a capivara, o gato do mato, o coati, começaram a pular em torno do visitante, dando gritos de alegria. O macaco então subiu numa arvore e começou a atirar côcos para o chão. O coati agarrava os côcos, partia-os e ia offerecê-los a Vôvô Indio. Avisados da chegada do illustre viajante, partiram, de outras terras, a girafa, o tigre, o lobo e outros animaes, todos com vontade de abraçar Vôvô Indio. A cobra e o jacaré esconderam-se, porque o nosso amigo tinha umas contas a ajustar com elles. O jacaré, uma vez, virara a canôa de um primo de Vôvô Indio, que quasi morreu afogado, e a cobra mordera na perna uma pobre irmazinha que não fazia mal a ninguém.

O leão e o tigre não são bichos de brincadeira, mas com Vôvô Indio não contam prosa, porque este tem uma lança agudissima, e flechas certeiras, perigosas, que nem é bom falar.

Sabendo da visita de Vôvô Indio, o proprio rei dos animaes, o leão, resolveu transportar-se á selva brasileira, afim de que o amigo dos animaes tivesse uma recepção condigna.

Entre as festas projectadas para solemnizar o acontecimento, figurava um grance baile, que deveria deixar em Vôvô Indio a melhor das impressões.

Na vespera do dia marcado, o jacaré encontrou-se com a cobra e disse-lhe: — "ora vejam, todos os bichos foram convidados para esse baile, só de nós se esqueceram..."

— Tudo por causa desse Vôvô Indio de uma figa, respondeu a cobra. Como a festa é em sua honra e elle não gosta de nós, fomos preteridos.

— Mas isso não póde ficar assim, volveu o jacaré, indignado, havemos de tirar vingança!

— Realmente, é um desaforo! — opinou a cobra.

— Uma afronta sem nome! — reforçou o jacaré. Mas, como havemos de fazer para dar uma lição a esse pandegos?

— Vamos pensar, aconselhou a cobra, examinemos bem a situação e imaginemos uma desforra que dê que falar de nós e mostre o nosso poder.

E lá ficaram os dois architectando o seu plano diabolico.

Na noite do baile apresentaram-se todos os bichos da floresta em traje de gala, cada um mais elegante que o outro, exibindo alguns celles joias custosissimas.

Vóvô Indio appareceu com um cocar de luxo, feito de pennas multicores de aves raras, e foi muito applaudido.

Ia a festa em meio, reinando em todos os espiritos a mais communicativa alegria, quando o jacaré e a cobra, protegidos pelas sombras da noite, foram-se aproximando do palacio.

O plano combinado entre os dois era o seguinte: o jacaré procuraria um geito de afastar o macaco, que estava de sentinella com uma espingarda ao hombro, enquanto a cobra penetraria no porão e atearia fogo ao palacio.

Quando chegou a hora, o jacaré ficou com medo de se dirigir ao macaco e, por mais que fizesse, não conseguiu a cobra que elle se aproximasse da sentinella.

Vendo que estavam perdendo um tempo precoso, e que não tardariam os convidados a retirar-se, a cobra por-se a rocear a casa, a ver se encontrava aberta alguma porta, que não estivesse guardada.

Nada conseguiu. As portas que não tinham sentinella haviam sido cuidadosamente trancadas, e já estava quasi desanimado, quando deparou um buraco feito pelos ratos numa das paredes do palacio. Arrastando-se pelo chão, expremendo-se bem, talvez consiga passar por aquelle buraco, pensou.

Foi expôr ao jacaré a sua idéa, com a qual elle plenamente concordou.

— Então estamos combinados, disse a cobra, você fica ahí vigiando, enquanto eu vou ver se consigo realizar o nosso intento.

E a cobra, que nesse tempo andava em pé, como qualquer bicho, atirou-se ao chão, arrastou-se pelo buraco a dentro, conseguindo penetrar no porão.

Fez um monte com uns jornaes que ali estavam, aticou-lhe

fogo e fugiu pelo mesmo buraco, indo postar-se em companhia do jacaré, a contemplar o resultado da sua feia acção.

No fim de algum tempo, a fumaça começou a invadir os altos da casa. Os creados accorreram ao porão e, a baldes d'agua, acabaram por extinguir o fogo.

O macaco, que ha muito vinha desconfiando da cobra e do jacaré, saiu pelas vizinhanças a ver se encontrava os autores do attentado. Não lhe foi difficil descobrir o jacaré, que á sua aproximação, quiz escapar, mas o macaco não deu tempo e, caindo-lhe e encima, a coronhadas, deixou-o em petição de miseria.

O jacaré já não podia mais, estava com o corpo todo marcado e o sangue corria-lhe por numerosas feridas.

E o macaco acabaria matando-o, se não fosse chegar Vovô Indio, attraído pelos berros da victima.

Vovô Indio acalmou o macaco, mostrou-lhe que o jacaré já estava bem castigado e que devia perdoar-lhe.

— Olhe, amigo macaco, disse-lhe Vovô Indio, leve esse infeliz ao rio e lave-lhe as feridas.

O macaco não podia desobedecer a Vovô Indio e lá se foi resmungando, com o jacaré ás costas, até á beira do rio.

Ali chegando, em vez de fazer o que Vovô Indio lhe ordenára, atirou o jacaré pela ribanceira, dizendo-lhe: — ahi tem agua sufficiente, trate de lavar você mesmo as feridas!"

Desde essa occasião, o jacaré só pôde viver na agua ou nas suas proximidades. E aquella casca grossa que lhe cobre o corpo é devido ás marcas produzidas pelas coronhadas valentes que lhe deu o macaco.

Quanto á cobra, escapou de apanhar por estar de rastros, e ter passado assim despercebida.

Mas desde essa inesquecivel noite em que ella se arrastou para penetrar no palacio por um buraco estreito, nunca mais poudo aprumar-se e andar como antes.

Bem feito!



37.260

Imprensa Oficial do Estado

BAHIA

1934

